



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MAURICÉLIO DA COSTA SILVA

**DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL EM BELÉM
DO PARÁ**

Belém – Pará

2021

MAURICÉLIO DA COSTA SILVA

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL EM BELÉM DO PARÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física, do Instituto de Ciências da Educação – ICED, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura em Educação Física, pela Universidade Federal do Pará.

Data da avaliação: 24/09/2021

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Willian Lazaretti da Conceição
Orientador – ICED/UFPA

Prof^a. Dra. Maria da Conceição dos Santos Costa
UFPA

Prof^a. Dra. Fátima de Souza Moreira
UFPA

BELÉM – PA

2021

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus primeiramente pelo dom da vida e por guiar minha vida por bons caminhos e por ter aberto as portas necessárias para que pudesse celebrar o fim de mais esse ciclo em minha vida.

Agradeço aos meus pais, Sr^a. Rosinete da Costa Silva e Sr. Mauricélio da Luz Silva, pela vida e que ao longo dela me ensinaram que todo o esforço um dia será recompensado, agradeço pelas broncas, pelo amor incondicional e pelo investimento em minha educação que jamais faltou até hoje, pelo incentivo a não desistir jamais dos meus sonhos e de sempre galgar patamares maiores.

Agradeço à minha querida e amada irmã Marília que sempre cuidou de mim em casa e também na escola me defendendo de valentões que queriam me agredir e ao meu cunhado Rosinelson Francisco, agradeço pelos conselhos, ensinamentos e broncas que me deu, principalmente na minha adolescência, foi um dos meus pilares para que hoje, eu estivesse aqui digitando essas palavras, por tudo, sou grato.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a minha picesa (não está escrito errado, a chamo assim carinhosamente), que incansavelmente me orientou e acreditou em mim, quando nem eu mesmo acreditava mais, pois foram muitas tentativas frustradas de passar em uma Universidade Pública e na última tentativa consegui passar para honra e glória do Senhor Jesus.

Agradeço de coração ao Professor Willian Lazaretti da Conceição por ter aceitado me orientar neste trabalho árduo, não foi fácil essa jornada de construção desta pesquisa, porém quando se tem um profissional competente e esforçado ao lado nos orientando o caminho passa a ser menos difícil.

A todos que fizeram parte desta jornada muito obrigado e que Deus nos abençoe todos os dias com seu amor infinito.

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (Paulo Freire).

Como citar o trabalho: SILVA, Mauricélio da Costa. **Desafios e possibilidades do ensino da educação física:** um estudo de caso em uma escola pública estadual em Belém do Pará. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo identificar quais os limites e possibilidades do ensino da educação física em uma escola pública estadual, sendo predominantemente de cunho qualitativo e utilizando o método do estudo de caso. Para coleta de dados foi utilizado a técnica da observação participante com registros em diários de campo e entrevista semiestruturada. Para isso foram realizadas visitas semanais à escola-campo no período vespertino e as informações foram registradas em diários de campo, além disso, as entrevistas foram com o professor que ministra aulas de Educação Física na Escola Estadual Mário Barbosa, sendo realizadas no contexto situado da pandemia do COVID-19. Para a interpretação de dados foi utilizado a técnica de análise de conteúdo. Os resultados desta pesquisa revelaram um cenário altamente precarizado e limitado para o trabalho docente com relação a: a) Condições e jornada de trabalho: antes e durante a pandemia; b) Espaços e materiais destinados para as aulas de Educação Física. Por fim, essa pesquisa buscou explorar, problematizar e discutir temáticas envolvidas no processo do ensino da educação física por meio dos desafios encontrados na escola Estadual e identificar as possibilidades de superação de tais obstáculos para que conseqüentemente, houvesse a reflexão sobre a importância de garantir um ensino público de qualidade e a valorização do professor de EF para melhor atender os filhos (as) dos trabalhadores (as) no Brasil.

Palavras-chave: Escola. Precarização do trabalho. Educação Física.

ABSTRACT

This research aims to identify the limits and possibilities of teaching physical education in a state public school, predominantly qualitative and using the case study method. For data collection, the technique of participant observation was used, with records in field diaries and semi-structured interviews. For this, weekly visits were made to the field school in the afternoon and the information was recorded in field diaries. In addition, the interviews were with the teacher who teaches Physical Education at the Mário Barbosa State School, being held in the context located in the COVID-19 pandemic. For data interpretation, the content analysis technique was used. The results of this research revealed a highly precarious and limited scenario for teaching work in relation to: a) Working conditions and hours: before and during the pandemic; b) Spaces and materials for Physical Education classes. Through this work, it was possible to prove that the challenges faced by the physical education teacher are numerous, some of which go beyond the walls of the school, but there are some possibilities for overcoming them.

Keywords: School. Teacher. Education physical. Covid.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EJA - Educação de Jovens e Adultos
EF - Educação Física
FEF - Faculdade de Educação Física
ICED - Instituto de Ciências da Educação
PCR - Plano de Cargos e Remunerações
PPP - Projeto Político Pedagógico
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira
PMB - Movimento Democrático Brasileiro
RP - Residência Pedagógica
S/N - Sem Número
SEMEC - Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SEDUC - Secretaria de Estado de Educação
TDIC - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia
USE - Unidade Seduc na Escola
UEPA - Universidade Estadual do Pará

Sumário

Introdução	9
Objetivos	14
Caminho metodológico	14
O ambiente da pesquisa	16
Resultados	17
Precarização estrutural do espaço escolar	17
Condições de trabalho	19
Lutar para não perder direitos	20
Jornada de trabalho	22
Normalização da precarização	23
Escassez de espaços e materiais destinados às aulas de Educação Física	25
Processo de sistematização dos conteúdos	28
Discussão	30
Considerações finais	37
Referências	39
Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	41
Apêndice A - Diários De Campo - Mário Barbosa	49
Apêndice A - Entrevista durante a pandemia	49

Introdução

O presente texto busca revelar os principais desafios e possibilidades no ensino da Educação Física na escola Estadual Mário Barbosa, situada no bairro da Terra Firme, oficialmente denominado de Montese, em Belém do Pará. Este estudo foi pensado no âmbito do Programa Residência Pedagógica em Educação Física, do qual participei durante minha formação acadêmica, e, por este fato, também foi escrito em primeira pessoa do plural, pois fiz parte desse momento junto a outros acadêmicos.

O Programa Residência Pedagógica (PRP) foi realizado entre os meses de agosto de 2018 a dezembro de 2019, pelo Núcleo de Educação Física da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com subprojeto na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Belém, e teve como objetivo:

Possibilitar experiências educativas críticas aos discentes do curso de licenciatura em educação física, que estimulem a relação teoria-prática por meio da ação-reflexão-ação inspirada na pedagogia da alternância aos discentes, na articulação ensino-pesquisa-extensão a fim de contribuir com a construção do exercício profissional docente na educação básica no contexto da Amazônia paraense (UFPA, 2018, p.4).

O PRP possibilitou a experiência e o contato com a realidade da escola Estadual Mário Barbosa e provocou a reflexão crítica com relação à realidade da disciplina EF porque inúmeras vezes faltou espaço adequado para determinadas práticas e falta de materiais, as escolhas dos conteúdos a serem trabalhados com os alunos foram limitantes por conta dos aspectos já citados acima. O cenário precarizado presente na escola no bairro da Terra firme, jamais havia presenciado em minha vida enquanto aluno da escola pública na educação básica e através de tal experiência no PRP me veio as inquietações acerca da jornada e condições de trabalho, materiais disponíveis para as aulas e o processo de escolhas dos conteúdos.

Um dos pilares investigativos pretendidos por esta pesquisa é expor e refletir sobre como se configura a jornada de trabalho do/a professor/a de Educação Física que, para Dal Rosso (2006), resume-se inicialmente pela

duração do tempo que o trabalho ocupa nas vidas dos indivíduos. As condições de trabalho envolvem oferta de materiais e estrutura disponíveis para realização da atividade docente, desde espaços, equipamentos e instrumentos de apoio, até o processo de contratação, remuneração e carreira (OLIVEIRA; ASSUNÇÃO, 2010).

Nesse caminho, resumir as condições de trabalho aos equipamentos e materiais seria um equívoco, além de reduzir as possibilidades de debate acerca da questão, haja vista que a jornada de trabalho não se expressa apenas no momento da aula, mas também em casa, quando o professor realiza estudos para atualização de conteúdos específicos, assim como na produção e correção de provas e trabalhos, entre outras questões burocráticas (SOUZA; LEITE, 2011).

À vista disso, se torna indispensável produzir pesquisas que busquem compreender e discutir a validação da escola pública de forma concreta, como espaço de formação humana de sujeitos históricos, mutáveis e que têm direito à educação gratuita, democrática e de qualidade. Quando levados em consideração, todos estes fatores favorecem a estes sujeitos a garantia da superação de suas demandas, de modo que o professor também depende que tais aspectos sejam legitimados, pois podem repercutir positiva ou negativamente, de forma direta, a qualidade do ensino da Educação Física, deste modo, o docente, por vezes, se vê diante de uma rotina de trabalho exaustiva, que vai muito além dos muros da escola (SOUZA; LEITE, 2011).

Diante do exposto, algumas inquietações emergem, tais como: será que atualmente os/as professores/as precisam trabalhar em mais de uma escola? As escolas localizam-se perto de suas casas? Há algum incentivo por parte do governo estadual com relação à formação continuada? Como estão postas as políticas para a realização de cursos de mestrado e doutorado e quais as implicações para a carreira docente? Quantas turmas, em média, o/a professor/a atende? Quais são as condições de empregabilidade e remuneração?

Não obstante, durante minha experiência, quando estudante da educação básica, até mesmo adulto, diante de testes físicos para concursos,

por inúmeras vezes me deparei com outra realidade vivida pelo professor: a falta de espaços adequados para o ensino da educação física em sua completude. O que existe, na maioria das escolas, são quadras poliesportivas com marcações apenas para esportes como futsal, voleibol, basquete e handebol (esportes de quadra), inexistente espaço para outras práticas como dança ou lutas, esses conteúdos poderiam ser trabalhados em outros espaços? Sim, mas a questão é, esses espaços foram construídos para as aulas de EF ou seria um espaço meramente improvisado? Tais conteúdos podem ser trabalhados em sala de aula, mas numa perspectiva mais teórica porque, como que o professor de EF conseguirá colocar 45 alunos em um espaço pequeno e ainda trabalhar conteúdos que necessitam um certo distanciamento um dos outros, a saída seria trabalhar apenas a teoria em sala de aula? Dessa forma, não haveria vivência por partes dos alunos e o ensino e a aprendizagem se tornaria deficitário (ANJOS, 2013).

Nas aulas de Educação Física das quais participei no âmbito da educação básica, quase sempre o professor aparentava estar cansado, com o semblante triste e as aulas, na maioria das vezes, se resumiam em futsal para os meninos e queimada para meninas. Geralmente o professor carregava para as aulas uma bola de futsal, alguns arcos e, às vezes, uma rede de vôlei. Com relação aos materiais utilizados nas aulas de Educação Física, Freitas (2014) destaca que:

Dessa forma, um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma boa aula de Educação Física é a disponibilidade de uma estrutura física e os recursos pedagógicos adequados e bom estado de conservação que possibilite a mínima condição para a prática (FREITAS, 2014, p. 09).

Tais experiências vividas na infância, confrontadas à possibilidade de enfrentar tal cenário em minha vida profissional, provocaram a inquietação e, partindo de um estudo de caso na escola Estadual Mário Barbosa, analisei os dados e foi identificado os principais desafios no ensino da educação física na escola Estadual, que estão intimamente ligados a jornada e condições de trabalho do professor Silva e incluem temas como materiais e espaços disponíveis para as aulas, a luta para não perder direitos e o processo de

escolha dos conteúdos, que por sinal, estão relacionados a demanda de espaços físicos e materiais. Portanto, por meio do presente estudo, buscou-se contribuir sócio e politicamente no enfrentamento dos desafios do ensino da educação física na escola Estadual, e, conseqüentemente, na valorização do(a) professor(a) de Educação Física e no melhor atendimento dos(as) alunos(as) do ensino público.

As minhas experiências associadas, predominantemente, ao esporte, se dão em função do longo tempo que no Brasil priorizou-se o elemento cultural do esporte como gênese da existência da educação física, deixando de lado o reconhecimento de uma cultura do corpo em todos os seus aspectos. Segundo Darido (2005) a Educação Física ao longo de sua história pôs em primeiro lugar os conteúdos da Ginástica e conteúdos esportivos em condições quase exclusivamente procedimentais, o saber fazer e não o saber sobre a cultura corporal, então o professor deveria porém trabalhar os conteúdos em três dimensões, atitudinal, conceitual e procedimental Darido (2005).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebe-se que houve um retrocesso com relação às práticas tecnicistas e esportivistas, o documento diz que os planos de aulas e as práticas corporais na área da educação física, devem nortear quatro dimensões: habilidades motoras, capacidades físicas, estruturas corporais e potencialidades do corpo, relação dos movimentos com o ambiente físico na escola e nos ambientes que os alunos frequentam fora dela (BRASIL, 2017). Através da leitura da legislação, nota-se total prevalência da técnica e de um corpo exclusivamente biológico, sem espaço para crítica da realidade social e política. Por que em uma aula de vôlei o professor deve apenas ensinar as técnicas e fundamentos? Por que não se pode abordar temas relacionados ao preconceito e a homofobia relacionados à prática do esporte? Por que não pode problematizar a exclusão de meninas com relação a determinados esportes?

A não discussão de tais temas interessa somente a um determinado grupo social, o empresarial, que participou ativamente da construção das propostas oficiais que integram o ensino brasileiro (VERDE, 2015), uma sociedade não crítica da realidade e não politizada é mais fácil de explorar.

A esportivização, principalmente dentro do ambiente escolar, foi influência direta da Ditadura Militar, que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart. Isso porque, o regime que durou 21 anos (1964-1985), além de estabelecer a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos seus opositores, utilizava o esporte para desviar atenção dos jovens daquela época das mazelas trazidas pelo militarismo.

Nessa época, os governos militares, que assumiram o poder em março de 1964, passam a investir no esporte na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, na medida em que ela participaria na promoção do país por meio do êxito em competições de alto nível. Nesse período, a ideia central girava em torno do Brasil-Potência, pretendia-se com isso eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento (DARIDO, 2001, p. 21).

Grosso modo, os militares usavam o esporte para desviar a atenção dos jovens da corrupção maciça, dos assassinatos, e a partir dessa prática, criou uma espécie de cultura esportivizada dentro do ambiente escolar. Nesse contexto altamente dominado pelos esportes de rendimento, aqueles alunos (as) menos habilidosos (as) e portadores (as) de necessidades especiais, são excluídos das práticas pelos alunos (as) mais habilidosos (as) por conta de preconceito e discriminação (CAVAMURA, 2010).

Tal esportivização teria suas marcas atualmente dentro das escolas públicas Darido, (2001) no entanto, estamos diante de inúmeras discussões e concepções sobre a prática da Educação Física das escolas nos dias de hoje.

A partir de 1980, com a grande possibilidade dos militares deixar o poder e grandes manifestações ocorridas em todo o Brasil conhecidas como “Diretas já”, surgiram outras abordagens da Educação Física como: saúde renovada, as críticas superadoras e emancipatórias, construtivista, convergências entre as diversas tendências em relação às áreas de pesquisas científicas e as abordagens da EF no âmbito escolar através de temas do cotidiano como a problematização da Motricidade frente ao Meio Ambiente Físico e Natural, Social e Político, Filosófico e Estético, Virtual (SANCHES NETO; BETTI, 2008), ou seja, o universo da Educação Física, se tornou cada vez mais amplo, onde

o fator da corporeidade encontra lugar em práticas como lutas, natação, dança, ginástica, dentre outras atividades, que envolvem as diversas concepções existentes na Educação Física (SOARES, 2012).

Através do histórico esportivizado da EF escolar é possível compreender o porquê de as escolas contarem, em sua maioria, apenas com uma quadra em estado crítico de conservação ou nenhum espaço construído para as aulas de EF. Essa concepção da EF esportivizada compromete de forma negativa as condições de trabalho do professor de EF porque limita o espaço a um ambiente esportivista sem estrutura para trabalhar outros conteúdos da cultura corporal em uma perspectiva prática como as lutas comprometendo assim, o contato dos discentes com outros conteúdos da EF, sem contar que há regiões em que as temperaturas são altas como em Belém do Pará a maior parte do ano e pelo fato das escolas possuírem apenas uma quadra e ainda descoberta como é o caso da escola Estadual Mário Barbosa, o professor sofre com o sol queimando sua pele diariamente provocando seu adoecimento físico e psicológico e seu afastamento de suas atividades (DE OLIVEIRA; GONÇALVES DA SILVA, 2015).

Por conta da concepção da EF esportivizada outro fator que dificulta bastante a ação docente é a falta de materiais para se trabalhar os conteúdos da cultura corporal como o jogo e a ginástica, porque os materiais que normalmente as escolas possuem são insuficientes e voltados para os esportes de quadra, Vôlei, Basquete, Futsal e Handebol, (DA SILVA ILHA; HYPOLITO, 2016). Essa escassez de instrumentos para as aulas reflete significativamente na motivação dos alunos e no desinteresse em participar das aulas, principalmente se as aulas possuírem temática que foge do desporto Chicati (2000), então através desse cenário o professor se encontra encurralado por conta da mentalidade esportivizada da EF tanto do poder público que constrói quase sempre uma quadra apenas, quanto da sociedade que hoje, mesmo após mais de 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988, carrega marcas do período ditatorial no Brasil.

Objetivo geral

Identificar os principais desafios e possibilidades no ensino da Educação Física nas turmas de ensino fundamental e ensino médio, na Escola Estadual Mário Barbosa.

Objetivos específicos

1. Analisar a jornada e condições de trabalho do professor de educação física na Escola Estadual Mário Barbosa.
2. Identificar e analisar a demanda de espaços e materiais destinados às aulas de educação física.
3. Identificar quais as práticas corporais foram desenvolvidas, as razões das escolhas e como se deu esse processo.

Caminho metodológico

Esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa, e foi adotado a metodologia de estudo de caso conceituado por Chizzotti (1995) como uma investigação de um caso específico que se situa na realidade com o objetivo de realizar uma busca detalhada sobre determinado tema.

A presente pesquisa foi dividida em três fases: a primeira parte foi constituída por uma revisão bibliográfica a partir de um breve histórico da educação física escolar na concepção de alguns autores que discutem o assunto com o objetivo de verificar se há implicações nos objetivos traçados neste estudo. A segunda fase foi dedicada à realização de visitas técnicas à escola campo, que ocorreram nos dias de quinta e sexta-feira, no período vespertino e noturno, duas vezes por semana, de outubro de 2018 à dezembro de 2019 na escola campo situada no bairro de Montese, nome oficial do bairro desde 1996 em homenagem aos soldados brasileiros que participaram da segunda guerra Mundial na batalha de Montese, porém o povo que reside no bairro resiste por conta de sua história de ocupação e luta e o chama de Terra Firme. Foram coletadas informações e dados registrados em diários de campo que resultaram em 21 laudas e registros fotográficos. O diário de campo é um

instrumento ao qual podemos recorrer em todas as etapas de um trabalho conforme (MINAYO, 2010).

Ainda dentro da segunda fase foi realizada uma entrevista, com nove perguntas previamente elaboradas, com o professor de Educação Física da escola campo, que em função da pandemia de Covid-19, foi realizada de maneira remota através da plataforma *Google Meet* no período vespertino, a gravação durou 43:40 e a transcrição da entrevista resultou em 12 laudas.

A terceira fase foi composta pela análise de conteúdo (BARDIN, 1977), esta fase compõe outras três etapas: Pré-análise, onde foi realizadas as escolhas dos documentos que foram utilizados para a análise e leitura flutuante, diários de campo, entrevista cedida pelo professor Silva; Análise Exploratória: A partir desta etapa o material foi recortado em unidades de registro, ou seja, cada parágrafo da entrevista e dos diários de campo foram recortados com o objetivo de eleger as categorias considerando os objetivos deste.

As categorias que emergiram são associadas às condições de trabalho, precarização estrutural do espaço escolar, a luta para não perder direitos, jornada de trabalho, escassez de materiais e de espaços destinados às aulas de educação física, normalização da precarização, sistematização dos conteúdos. Foi entregue e assinado pelo professor Silva um termo de consentimento livre e esclarecido que garante que a entrevista não será utilizada para outros fins a não ser acadêmicos.

O ambiente da pesquisa

Originalmente, o terreno onde a escola está situada foi cedido pela Universidade Rural da Amazônia (UFRA) para o Governo do Estado, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP). A escola em sua origem foi projetada toda em madeira de lei por conta do clima amazônico e localiza-se na avenida Perimetral da Ciência S/N, no bairro periférico da Terra Firme, um dos mais populosos da região de Belém, fundada em 06 de maio de 1994, a escola surgiu para atender a pouca demanda de instituições de ensino básico na região (PARÁ, 2016).

A escola pública Estadual Mário Barbosa possui um espaço amplo, porém precário por conta da falta de manutenção, mato alto e lama são alguns dos problemas que a comunidade escolar convive diariamente. A escola atende 830 alunos, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno, nas modalidades de ensino, Regular, Ensino Médio Regular, EJA Médio, Educação Especial, Projeto Mundiar Fundamental e Médio, além disso a escola campo pesquisada possui secretaria, sala dos professores, e várias salas de aulas, inclusive salas abandonadas e deterioradas pelo não uso do espaço por conta da falta de demanda de alunos, a instituição possui ainda dois banheiros, biblioteca, cozinha com espaço para refeitório chamado, “espaço Kaiapó” e duas salas destinadas a Unidade Seduc na Escola (USE).

Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados dos diários de campo e dados da entrevista cedida pelo professor Silva (2021) que é lotado na escola Estadual Mário Barbosa, abordando temáticas identificadas e relacionadas ao desenvolvimento profissional docente como jornada e condições de trabalho, incluindo autores que discutem tais temas para enriquecer o debate acerca de como estão as condições de trabalho do professor Silva.

Associado ao objetivo de analisar a jornada e condições de trabalho do professor titular da disciplina na Escola Estadual Mário Barbosa.

Precarização estrutural do espaço escolar

Para melhor compreensão é preciso frisar que as análises e os resultados levaram em consideração o período antes e durante a pandemia de COVID-19. Nesta categoria são apresentados dados sobre: a fundação da escola, o público-alvo que a escola atualmente atende e modalidades de ensino, descrição dos espaços precarizados como as salas de aulas e os itens

que a compõem. Evidenciar e descrever as condições dos outros espaços da escola torna-se importante para que se consiga compreender como estão as atuais condições de trabalho do professor Silva, pois há aulas de Educação Física na sala de aula e em espaços improvisados como o espaço Kaiapó e o estacionamento.

À primeira vista, percebeu-se que a escola quase não possui iluminação adequada, praticamente apenas as salas iluminam a quadra, o corredor principal e o estacionamento, além disso, o muro que se localiza no perímetro da Avenida Perimetral da ciência é bastante baixo, possibilitando assim, a insegurança na instituição, principalmente no período noturno. As salas de aula são precarizadas com mesas e cadeiras sujas e pichadas, conforme descrito no fragmento do diário de campo:

Entrei na sala e já estava acontecendo a aula, a turma era a EJA (educação de jovens e adultos), era notório a falta de estrutura das salas. Havia muitas cadeiras quebradas e mesas também, havia pichações em quase tudo, nas mesas, cadeiras, paredes e portas, as janelas eram abertas e de fácil acesso, sempre que alguém passava no corredor os alunos “encarnavam”, não se sabe o motivo, isso desviava a atenção dos discentes e do professor atrapalhando a aula consideravelmente e, mesmo acontecendo a aula, os alunos se mostravam inquietos. “[s.l.]” “Diário de bordo Mário Barbosa”.

A escola possui uma infraestrutura bastante danificada e precarizada ao longo do tempo, várias dessas violências contra o patrimônio público, são causadas pelos alunos que não possuiu uma educação adequada em seu seio familiar, a família é uma instituição responsável pela primeira educação da criança, além disso a coordenação das escolas não trabalham a conscientização dos alunos no sentido de preservar o bem público, esse trabalho geralmente é confiado apenas as pessoas que fazem parte da zeladoria da escola. O Estado também tem sua parcela de culpa nesse cenário de vandalismo na escola, pois não dá a devida manutenção aos espaços Borges (2018). Na escola Mário Barbosa as salas não têm boa acústica, suas laterais são compostas de janelas de madeira e vidro de fácil entrada e saída, esse fator dificulta o processo de ensino e de aprendizagem porque foi possível

observar que os alunos se dispersam com frequência por conta dos acontecimentos fora de sala.

O cenário precarizado encontrado na escola Estadual retrata de forma fiel o projeto de educação que organismos mundiais que compõem o sistema financeiro, idealizam para o Brasil a partir de uma lógica neo-liberal, que no caso do Brasil é mais o Banco Mundial que ajuda a implementar essa lógica e quem mais financia projetos. O ideal do neoliberalismo é o Estado mínimo que, em tese, desobriga o Estado a atuar em áreas sociais básicas como saúde e educação, para assim, dar espaço para a iniciativa privada (DERISSO; DUARTE, 2017).

Condições de trabalho

Nesta categoria são explicitados alguns itens característicos das condições de trabalho do professor Silva, tais como a luta para garantir direitos conquistados, Jornada de Trabalho, “normalização” das condições de trabalho, condições de trabalho durante a pandemia, escassez de espaços destinados às aulas de Educação Física, escassez de materiais para as aulas e o processo de escolha dos conteúdos para as aulas de EF, tais elementos ajudarão a compreender como estão as condições de trabalho do professor Silva.

Sobre as condições de trabalho, toma-se por base neste trabalho os estudos de Oliveira e Assunção (2010), que em seus estudos afirmam ser incorreto limitar as condições de trabalho apenas ao local onde o professor desenvolve suas atividades com os alunos, mas também é necessário refletir sobre condições de empregabilidade, instrumentos disponibilizados para as aulas, valores de remuneração, estabilidade, concurso público e formação continuada.

Resumir o debate apenas no quesito espaço, limita bastante a discussão acerca das condições de trabalho citadas anteriormente, porque envolve outros itens necessários para se fazer uma avaliação criteriosa sobre o tema. Além disso, é importante citar também a formação continuada que para

Bagatini e Souza (2019), a formação continuada é aquela em que o professor se afasta para ampliar seus conhecimentos e aprofundar-se em determinadas áreas, a fim de trazer conteúdos da Educação Física mais atualizados.

Lutar para não perder direitos

Com a crise do capitalismo e a implantação das políticas neoliberais no Brasil, propostas de reformas educacionais recomendadas pelo Banco Mundial encontraram espaço para mercadorização da educação pública e tinham como objetivos principais o custeio, o controle sobre os gastos públicos na área educacional e a inserção de novas temáticas, tais mudanças levaram a precarização do trabalho docente em todos os sentidos, por consequência os professores necessitaram se adequar a uma nova realidade de desvalorização da profissão, pois trabalham muito mais, porque precisam assumir mais demandas laborais e são mal remunerados (VERISSIMO, 2020).

Os cortes no orçamento da educação, saúde, reforma da previdência e a reforma trabalhista são políticas públicas que favorecem explicitamente ao mercado financeiro, todos os anos cerca de 40% do orçamento total da União é destinado ao pagamento de juros e amortizações da dívida pública, percebe-se portanto, que a agenda neo-liberal implantada no Brasil favorece as elites econômicas porque quase a metade do orçamento é usurpado por esses agentes financeiros como o Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Unesco (RODRIGUES, 2015).

Segundo (MENDES, 2015) o mecanismo de retirada de recursos públicos serve apenas para atenuar as desigualdades sociais no Brasil e que a dívida pública já foi vencida há muitos anos, portanto deveria ser realizada uma auditoria para que quase metade do orçamento público do Brasil não fosse mais entregue ao mercado financeiro. O pagamento anual da dívida tem como consequência a diminuição do financiamento de políticas públicas nas áreas sociais como saúde e educação, precarizando o atendimento à população mais carente do País que é a parcela dos brasileiros que mais necessita do serviço público e gratuito.

Segundo o professor Silva (2021), a educação no Brasil e o serviço público em geral atravessa um processo de sucateamento e esse descaso reflete diretamente nas condições de trabalho. Na capital Belém e no Estado do Pará, esse processo intensificou-se na gestão de um prefeito e na esfera Estadual na gestão de um Governador, ambos vinculados ao partido da social democracia brasileira (PSDB). A partir do ano de 2013, alguns espaços na escola foram fechados, houve redução de carga horária e perda de gratificações, conforme a entrevista cedida.

Eu entrei na rede estadual em 2008, então lá em 2008 a gente ainda lutava por direito, a gente queria conquistar direitos em 2008, eu entrei numa luta até 2010, começou em 2008 esse processo até 2010 pelo PCR pelo plano de cargos e remuneração, era uma busca pelo direito a algo que a gente tinha, a algo que a gente não tinha, que estávamos tentando conquistar, mas a partir de 2013/2014 a gente passou para um período de lutar para não perder o direito a gente, nem luta mais para garantir o direito, a gente luta para continuar com que a gente tinha. Então nesse período algumas gratificações no contracheque, a gente foi perdendo redução de carga horária, os espaços na escola foram sendo sucateadas e até mesmo fechados como biblioteca, sala de informática, laboratório, os conselhos escolares foram deixados de serem estimulados, verbas que passavam por um conselho ativo deixaram de ser enviados para escola, os Grandes projetos como por exemplo, os projetos que nós sempre fizemos grandes críticas como o mais educação, segundo tempo, se você pegar os estudos sobre esse projeto você sempre vai ter uma enxurrada de trabalhos falando que a perspectiva é inadequada, que o princípio tá errado, mas ainda assim, vamos pegar o exemplo do residência pedagógica que é bem enviesado e tem vários problemas, e não tem nenhum programa, a gente prefere que o residência pedagógica porque aí a gente pode debater o que pode melhorar. Então eu entrei já em um período na mudança da perspectiva da Educação e do serviço público como um todo, realidade de sucateamento mesmo, de redução de verbas, de transferência de verbas para outros setores, pagamento cada vez maior da dívida externa, então isso claro que reflete nas condições de trabalho fazendo com que nós professores assumamos cada vez mais trabalho para a gente poder garantir aquela condição de vida que a gente tinha a 10 anos atrás, 5 anos atrás. (SILVA, 2021).

O processo de sucateamento da escola pública é algo histórico no Brasil que se intensifica à medida que a agenda neoliberal econômica se instala no País, e isso reverbera em todos os setores, na educação superior, na educação básica e especialmente no trabalho docente, e a partir disso, constrói-se um cenário de descaso, criando-se pensamentos que a educação não vale a pena e não tem valor algum, isso é um desastre em especial para os filhos da classe trabalhadora que tem na educação o único caminho para crescer economicamente. Através da história da educação brasileira, percebe-se que

os governos usam a educação como instrumento de controle das classes mais baixas (NUNES, 2016).

Jornada de trabalho

Quanto a jornada de trabalho do professor de Educação Física, constata-se que, antes da pandemia o professor atuava em três escolas para atingir a carga horária de 40H semanais, no Mário Barbosa possuía 8 turmas distribuídas nas modalidades de ensino Fundamental e Médio, projeto Mundiar I e II e EJA Médio, distribuídas no período vespertino e noturno, os encontros eram reduzidos a apenas dois semanalmente, necessitando de uma grande quantidade de turmas para se atingir o número de 40H semanais. Atualmente a carga horária foi diminuída e o professor Silva trabalha 30H semanais e ainda ministra aulas nas 3 escolas.

Segundo a LDB/96 e a Lei do piso salarial, a jornada de trabalho do professor (a) deve ser constituída por uma parcela de horas que servirão para a preparação de suas aulas, correção de provas, trabalhos, atendimento individual a pais e responsáveis pelo alunos (as), formação complementar, além de realizar atividades próprias da docência.

Nilan (2003), destaca que os docentes necessitam trabalhar em dois ou mais postos de trabalho e extrapolam as 40 horas semanais para garantir remuneração adequada para suas necessidades. De acordo com o relato do docente a carga horária da disciplina se torna exaustiva e intensificada comparada a outras disciplinas, porque poucos encontros semanais resultam em mais turmas e conseqüentemente mais alunos atendidos, mais aulas, mais trabalhos e provas.

De acordo com a entrevista Silva (2021) afirma que os custos da vida e, geral aumentam, principalmente produtos alimentícios e esses aumentos não acompanham os salários que a categoria recebe, por conta disso, os professores precisam se sobrecarregar cumprindo o teto das cargas horárias ou possuindo outras atividades formais e informais como trabalhar em outras escolas particulares ou em academias e até mesmo trabalhando como motorista de aplicativo de viagem.

O professor Silva possui dois vínculos um com Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) e outro com a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), o docente antes de ir para o Mestrado era lotado em duas escolas, uma na rede Municipal e outra na rede Estadual, após seu retorno essa carga horária nas duas instituições não foram garantidas, por consequência foi lotado em 4 escolas para conseguir cumprir a carga horária semanal, três escolas na rede Municipal e uma na rede Estadual, eram duas escolas no Bairro do Jurunas, uma no Bairro da Terra Firme e outra no Bairro da Marambaia, os dois primeiros Bairros são próximos, mas o terceiro é longe dos outros. É de suma importância que o professor trabalhe em apenas uma escola para que possua condições de criar laços de confiança com os alunos, esses laços facilitam o processo de ensino-aprendizagem.

Normalização da precarização

Silva (2021), destaca que, certa vez encontrou uma ex-aluna na Universidade e revendo algumas imagens das aulas de Handebol que o professor possuía, recordaram o quanto era sacrificante para os alunos e sobretudo o docente ministrar aulas de baixo de um sol escaldante que não dava para nem problematizar tais condições, nas fotos segundo o professor Silva (2021), era possível notar os alunos tentando se esconder no mínimo de sombra que havia, pois as aulas eram em torno de 12:00hs e 13:00hs da tarde. Esse processo era tão precarizado que na entrevista o professor diz que nem se apercebe mais as condições nas quais era submetido e que esse procedimento só era possível quando parava e pensava sobre como as condições na escola eram precarizadas

É evidente que há um processo de precarização acelerado na escola Mário Barbosa e pelo fato de conviver com esta realidade diariamente o professor destaca que havia uma “normalização” por ele e pelos alunos que se submetiam a condições precarizadas de aula potencializando aparições de doenças de pele gerando problemas de saúde arriscando sua integridade física. O único ponto favorável a escola que Silva (2021) destaca é o espaço:

A única coisa que eu considero de positivo no Mário Barbosa é que é uma escola muito espaçosa, nela tem muita área, que a realidade de muitas escolas de Belém é que são pequenas caixas em que as vezes o professor de Educação Física nem se quer tem um pátio para dar aula ou às vezes tem um pátio, mas a professora que fica na frente não quer que tenha aula lá porque faz barulho, então o Mário Barbosa tem uma área grande, bastante espaço, isso é um ponto positivo, apesar deles serem mal cuidados, exemplo tem as áreas laterais, mas elas são só lama, mas acho que se pensasse numa reforma ali na escola, daria pra transformar em vários espaços ali, espaços interessantes, diferentes de outras escolas pequenas, em que o terreno é pequeno, não tem muito o que fazer. (SILVA, 2021).

De fato, de um lado existem os governos que não priorizam a Educação como um todo e do outro o professor que diante desse cenário altamente precarizado encontra-se na outra ponta do processo complexo do ensino, é quase impossível que em algum momento da carreira não “normalizar” as condições de trabalho que estão postas, e se submeter condições insalubres, pois essa é uma realidade histórica.

As circunstâncias acima descritas mostram o cenário antes da pandemia de COVID-19, no período pandêmico atual o Governo do Pará na gestão do Governador Helder Barbalho do partido Movimento democrático Brasileiro (MDB), elaborou normas e decretos para que os alunos realizassem tarefas de forma remota através de aulas e atividades on-line entregues em plataformas digitais e presenciais através de cadernos. No Mário Barbosa, inicialmente, foram adotados cadernos, que continham assuntos variados das disciplinas e também atividades como relata Silva (2021).

No Mário Barbosa foi adotados os cadernos, os professores enviariam os cadernos, enviariam apostilas e os alunos receberiam essas apostilas e depois devolveriam, só que nesse processo, a adesão foi mínima e a própria abordagem com esses alunos através da apostila, sem a explicação ali do professor que estaria ali explicando a aula, sem tirar dúvida, sem aquela relação mais aproximada, porque verificou-se desde o início que não teria como fazer pelas vias tecnológicas porque os alunos não tinham acesso à internet ou não tinha celular disponível ou não tinham computador, então pelo menos essa sensibilidade a SEDUC teve, não igual a SEMEC que achava que os alunos teriam acesso ao computador, que teriam acesso ao celular, então a adesão foi baixíssima (SILVA, 2021).

Segundo Silva (2021), a adesão ao material disponibilizado pela escola para cumprir o calendário escolar foi mínima, por dois motivos: A situação econômica e a educação no Brasil que, historicamente, não é priorizada pelos

Governos e também pela população. Sem emprego e renda, inúmeros alunos se veem obrigados a ajudar na renda familiar, de modo que adentram na informalidade para ajudar seus responsáveis, não sobrando tempo para as atividades escolares. Não houve cortes de salários ou redução nos ganhos mensais do professor porque continua seu trabalho docente, porém a distância, em sua casa.

Associados ao objetivo de identificar e analisar a demanda de espaços e materiais destinados às aulas de educação física.

Escassez de espaços e materiais destinados às aulas de Educação Física

Com relação aos espaços físicos destinados para as aulas de Educação Física, verificou-se que existe apenas a quadra não coberta e insalubre para o uso porque não recebe manutenção há vários anos, esse fato revela ainda uma lógica tradicionalista mecanicista de dar ênfase ao esporte desenvolvimentista em detrimento de outras abordagens da EF que surgiram após a redemocratização do Brasil após o Golpe Militar de 1964, por conta disso, há outros espaços adaptados pelo professor de Educação Física utilizados para as aulas práticas, além do mais, o clima da Região Norte é um dos principais fatores que contribui para o deterioramento do espaço conforme fragmento do diário de campo:

Quando entramos na escola era notório a falta de estrutura e especialmente a área destinada às aulas práticas de educação física, tanto no quesito espaço quanto no quesito materiais, a quadra de esportes continha muito mato ao redor e o piso da quadra parecia ser de cimento, porém por conta da chuva e pela falta de manutenção a estrutura apresentava inúmeras falhas, por conta disso pode ocorrer vários acidentes graves. “[s.l.]” “Diário de bordo Mário Barbosa”.

No inverno Amazônico, há uma enorme incidência de chuva, a maior parte do dia e por isso, as aulas no espaço se tornam impossibilitadas, no verão o sol é massacrante, as aulas na quadra ocorreram algumas vezes a partir de 13:30 Hr da tarde, mas a maioria era realizada no período vespertino e ocorriam a partir das 16:00 Hr porque havia algumas pequenas árvores ao redor da quadra de esportes e nesse horário cobriam parte do local.

No início do horário escolar vespertino quando a aula não era realizada em sala de aula, ocorria em espaços improvisados como o espaço Kaiapó que inicialmente, foi pensado para apresentações culturais da comunidade escolar em datas festivos como a Páscoa e dia da consciência negra, esse espaço é utilizado também para guardar mesas e cadeiras quebradas, então o professor e os alunos dividiam o espaço com esses materiais danificados, como não há espaços para as aulas de EF, a saída era improvisar utilizando outros espaços, como o estacionamento onde o piso era completamente irregular, com poças de lama e mato.

Por consequência da falta de estrutura, os jogos internos da escola ocorreram nas dependências da Universidade Rural da Amazônia-UFRA que cedeu duas quadras de cimento e uma de areia para a realização do evento, sem o espaço da Universidade seria praticamente impossível a realização dos jogos internos escolares.

Com relação aos materiais, segundo Silva (2021) a escola não supre as aulas com os materiais necessários para as aulas e isso compromete diretamente a qualidade e a realização de algumas temáticas, obtendo como resultado o abandono de determinados conteúdos.

Não, praticamente com nenhum material necessário, a escola Mário Barbosa não recebe material de Educação Física desde quando eu entrei na escola em 2014, quando eu entrei em 2014 tinha um material do projeto mais educação, mas destinado para a Educação Física especificamente não, não nesse período, que eu estou lá desde 2014, e ano passado, uma professora que dava aula numa faculdade particular, a professora Estefani recebeu um kit, mas era uma bola, uma corda, um kit feito pela própria faculdade que doou para o Mário Barbosa, foi um material diferente, mas pra uma escola que tem 500 alunos um kit de uma bola de vôlei, uma bola de futebol, uma corda e uma rede, é irrisório então acho que não tem condições nenhuma de materiais não, ah sim, e o que ficou do residência pedagógica foram os cones que ficaram mais tempo, cone chinês, algumas cordas, arcos, então são esses pequenos materiais que a gente ainda tem na escola, mas de resto eu não utilizo nenhum, apesar da escola ter data show ainda, apesar de dar para usar nas aulas de Educação Física, tem um som, mas às vezes a gente não encontra cabo, as vezes está com outros professores, então às vezes eu prefiro logo pensar que não tem, e prefiro levar meus materiais. (Silva, 2021).

Com relação à disciplina da Educação Física é evidente o descaso com fornecimento de materiais para as aulas, uma vez que o Governo do Estado não garante verba para a aquisição de novos materiais, forçando assim, o

docente a comprar esses equipamentos utilizados nas aulas, ocorrendo assim um processo de “financiamento” do seu próprio trabalho, esse processo não garante as condições necessárias para que o professor desenvolva seu trabalho pedagógico na sua totalidade e faz com que os alunos não possuam o contato com todo o universo da disciplina. Conseqüentemente há, portanto, inúmeras improvisações de materiais produzidos pelo professor e até mesmo pelos alunos de forma artesanal, conforme Fragmento do diário de campo.

[...] quando adentramos na escola, nos deparamos com o professor Jean arrumando uma espécie de mesa de ping pong, alguns alunos ajudaram a montar a mesa e posicionar a rede. Para os materiais foram utilizados um compensado para improvisar uma mesa de ping pong confeccionada pelo professor inclusive sua pintura e até mesmo suas duas raquetes e uma bolinha compradas com seu capital. “[s.l.]” “Diário de bordo Mário Barbosa”.

É evidente que pela falta de materiais disponibilizados pela Escola, o professor se vê obrigado a dispender de seus recursos financeiros e até mesmo confeccionar os utensílios utilizados para as aulas, e que sem isso, os alunos não teriam o contato com o Tênis de mesa, visto que, uma mesa profissional de ping-pong possui um valor alto de mercado. Então a cada bimestre ou trimestre ou a cada troca de conteúdo Silva (2021) afirma que precisa ir ao mercado de Belém para adquirir novos materiais que são necessários para as aulas de EF na escola Estadual Mário Barbosa.

Quando perguntado sobre o que falta para o Brasil atingir um cenário de uma escola ideal, levando em consideração suas experiências, Silva afirma que o que falta é uma revolução da educação, falta bastante coisa para que se possa garantir o mínimo razoável, investimento em infraestrutura, padrões de tamanho, investimento na carreira, conexão com a formação inicial com a continuada, com isso talvez a profissão atraísse as melhores mentes, porém para isso ocorrer teria que resolver problemas internos com grandes capitalistas que ficam com grande parte do orçamento da União, em consequência, geraria bastante conflito, talvez a saída fosse construir uma nova Cabanagem. Nesse sentido, a educação a ser problematizada seria uma educação pensada na derrubada do Sistema, no enfrentamento de instituições que tiram os direitos das classes trabalhadoras de ensinar e aprender, por

consequente, assegurando a dignidade para a classe trabalhadora brasileira. Para isso, é necessário primeiro praticar uma educação libertadora conceituada por (FREIRE, 2013) pela inserção da crítica problematizando sua realidade e através dessa práxis compreender quais são suas verdadeiras necessidades dentro do contexto que o indivíduo está inserido e a partir disso transformá-la visto que a mesma, não se transformará sozinha.

Com relação ao objetivo de identificar quais as práticas corporais foram desenvolvidas, as razões das escolhas e como se deu esse processo.

Processo de sistematização dos conteúdos

Com relação aos processos de escolhas de conteúdos para ministrar para os alunos nas aulas de Educação Física na época do Residência Pedagógica, nós, os alunos residentes, não participamos do processo de escolha porque o fim da primeira fase do projeto e o início da segunda fase aconteceram no meio do ano de 2019, a essa altura o professor Silva já havia construído todo o seu plano anual de conteúdos a ser ministrados, mas as escolhas das temáticas levaram em consideração os espaços disponíveis, os materiais que a escola e o professor Silva possuía, então, nós apenas seguimos seu plano inclusive trabalhando com sua abordagem, a crítico superadora.

Com relação aos conteúdos trabalhados e o processo de escolha das temáticas da Educação Física abordados na escola Mário Barbosa, o professor Silva levava em consideração o material que possuía e o que era possível comprar com seus recursos. Quando iniciamos o período de regências no âmbito do programa Residência Pedagógica, escolhemos a modalidade de alternância para ministrar as aulas, uma semana era o professor Silva e na semana seguinte éramos nós, os residentes, que ministravam as aulas, trabalhamos o conteúdo de Futsal, Esporte, Ginástica, Handebol, Lutas e Dança, nessa oportunidade, um dos conteúdos trabalhados foi os Jogos

Eletrônicos presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017, p. 233).

A proposta, através da abordagem Crítico Superadora, coletivo de autores (2012), era conceituar o que é um Game e evidenciar suas transformações ao longo do tempo, estimular diálogos sobre os benefícios e malefícios dos jogos eletrônicos mostrando que muitas horas na frente de uma tela podem ter como consequência, o adoecimento do corpo em vários aspectos, mas também mostrar que, atualmente, as pessoas podem fazer dessa prática uma forma de trabalho profissional, visto que, hoje, existem equipes tradicionais do Futebol Brasileiro que investem nessa modalidade como o Flamengo e através disso, podem participar de competições Municipais, Estaduais, Nacionais e até Internacionais como a competição de *League of Legends*.

Trabalhamos também a vivência dos alunos, primeiramente ressignificando um jogo eletrônico da escolha deles, ou seja, saindo do virtual e trazendo de forma adaptada para o real e isso era uma proposta nossa para que eles pensassem como adaptar, em segundo lugar, trabalhamos o contato dos alunos com o Videogame, e isso só foi possibilitado porque o professor Silva possuía os materiais necessários para a prática, ele transportava uma televisão grande, um emulador que havia alguns vídeo games como Super Nintendo, Nintendo 64 e Playstation de sua residência para a escola, nessas ocasiões o professor Silva se deslocou a unidade escolar de carro, costumeiramente ele se desloca de Motocicleta, pois o veículo consome menos combustível. Dentro desses Videogames havia os seus respectivos jogos. Era visível a alegria no rosto de alguns alunos, pois muitos não haviam tido contato com um Vídeo Game de verdade.

Discussão

A profissão do professor é a mais antiga da história humana, e com o passar do tempo os docentes passaram a ter que apresentar uma série de competências que no início não era exigido como tarefas burocráticas dentro e fora da escola, intensificando assim, seu trabalho docente e multiplicando

duplamente e até triplamente sua Jornada de Trabalho (LEMOS; CRUZ, 2005), por conta da crise do capitalismo neoliberal, os pais e responsáveis têm menos tempo para educar seus filhos, transferindo para a escola o dever que deveria ser da família, em consequência, os professores adquirem mais uma responsabilidade além de todas as outras que a profissão exige.

Os professores atualmente precisam desempenhar inúmeras vezes papéis contraditórios em suas ações, ao mesmo tempo que o docente tem que ser amigo, companheiro e orientador das questões secundárias da vida dos discentes que extrapola os muros da escola como questões familiares, e tais evidências dessas inquietações dos alunos quase sempre aparece numa conversa informal no momento do intervalo ou nos corredores da escola, necessita também ser juiz do desempenho desses alunos.

Em tempos de pandemia de COVID-19 e com a suspensão das aulas na escola, os professores necessitam adaptar-se ao meio tecnológico editando vídeos, resumindo duas aulas de 45 minutos em uma aula de 20 minutos, gravando o conteúdo a ser ministrado, despendendo recursos financeiros para a aquisição de crédito para telefone celular ou até mesmo contratação de operadoras de internet com Wi-fi para manter-se o tempo inteiro conectado esclarecendo dúvidas de seus alunos e até mesmo dos pais e responsáveis com relação às atividades enviadas para os discentes. Com relação a essa nova realidade imposta pela Pandemia (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020) destacam que:

As mudanças no sistema educacional tiveram que ser realizadas rapidamente, de sorte que, de um dia para o outro, os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial (RONDINI; PEDRO; DUARTE, 2020 p. 03).

A questão central é que com o passar das épocas para o indivíduo se tornar um bom profissional, necessita além de dar conta das atividades características da profissão, precisa mediar conflitos de violência entre alunos e contra ele mesmo, desrespeito em sala de aula, além do desprestígio de sua profissão pela sociedade e pelos Governos, necessita lidar com a

intensificação do seu trabalho porque atualmente, precisa estar online 24H por dia, respondendo dúvidas e esclarecendo questões com os alunos através de aplicativo de mensagem instantânea como *Whatsapp* e Facebook e sem receber nenhuma remuneração por essas horas de trabalho a mais. Com relação a essas questões atuais em tempos de pandemia (DA SILVA; CÂMARA DA SILVA; TINÔCO; ARAÚJO; VENÂNCIO; SANCHES NETO; FREIRE; CONCEIÇÃO, 2021) em sua pesquisa cita um relato de um professor de Educação Física do Estado do Pará:

Fomos avisados sobre a suspensão das aulas e convidados a participar da entrega de cestas básicas (materiais assistenciais) em algumas escolas. Em outras escolas, preparamos questionários para os alunos preencherem em conjunto com alguns colegas, para o projeto de videoaula da Semec; aqui éramos divididos em ciclos, ficando livres para listar assuntos a serem tratados nas aulas. Gostaria de salientar que, embora deva reconhecer o esforço que os colegas da Semec têm feito para a produção de conteúdos, tem faltado uma formação específica para a realização das atividades em vídeo, a par da fraca divulgação das aulas.

Na Semec, as gravações foram feitas com o auxílio de um estúdio contratado especialmente para a produção do material, que foi complementado com vídeos caseiros para veiculação na TV aberta e posteriormente no *YouTube*. Usamos telefones celulares, computadores e redes sociais para a divulgação das aulas. (DA SILVA *et al.*, 2021).

No cenário epidemiológico atual, as questões citadas acima são características do trabalho docente no meio Urbano, há algumas semelhanças com o meio rural como a estrutura das escolas e falta de materiais, porém o exercício da profissão no campo escancara ainda mais o drama das desigualdades educacionais no Brasil de professores e alunos, onde os docentes precisam encarar horas de viagem em barquinhos de porte pequeno entregando e recebendo atividades dos alunos, se expondo aos perigos do rio e das matas usando suas energias físicas remando quilômetros ida e volta Rio acima para garantir o mínimo de dignidade para seus alunos ou comprando gasolina para conseguir chegar a localidades distantes sem apoio financeiro das prefeituras, percorrendo longos quilômetros de estradas de terra em suas motocicletas abastecidas com seu próprio dinheiro. Com relação à educação

no campo e às condições de trabalho em tempos de pandemia (OLIVEIRA, 2020) em suas pesquisas relatou que:

Em uma das escolas, a equipe de técnicos teve que ir de casa em casa de aluno entregar o material porque os pais não tiveram meios de buscá-lo, os motivos são vários: transportes escolares suspensos, localidades bastante segregadas, sem transportes públicos e de difícil comunicação. Tal fato é tão comum de acontecer, não sendo uma realidade de Acará, visto que, o portal G1 noticiou o caso de Nilton Leal Rodrigues, professor de história do município de Melgaço, no Marajó. O professor, ao fazer entrega de atividades escolares nesse período pandêmico, em uma rabetá, faleceu, o transporte que ele estava se chocou com outra embarcação. Outra professora também ficou gravemente ferida no acidente". (Portal G1, 14 de set. 2020). No Acará, os professores não assumiram essa responsabilidade, mas outros profissionais receberam o encargo. Arriscando-se a acidente como o caso do professor de Melgaço, a contaminação a Covid 19, passando todo tipo de apuros. Como se sabe, na Amazônia chove bastante, há ventos fortes no rio, principalmente no mês de setembro. Ouvi relatos de colegas que em horário de almoço estavam no meio do rio, entregando o cadernão. O tempo que passam fazendo esse tipo de trabalho, o desgaste, as horas dedicadas são bem maiores que se estivessem em suas rotinas normais. (OLIVEIRA, 2020, pag. 09).

A realidade da educação no Brasil tanto no Campo quanto no espaço Urbano é de total precariedade para toda a comunidade escolar, problemas simples poderiam ser solucionados pelas prefeituras como responsabilizar-se a fazer a ponte entre professores e alunos para garantir a entrega dos materiais e também a devolução, assim os docentes não precisariam sair de suas casas, implementar políticas de inclusão digital para docentes e discentes que residem em locais mais afastados.

Será que por conta de todas essas habilidades que o professor deve apresentar, hoje, temos um cenário de profissionais frustrados, em estado emocional temporariamente comprometido, resultando assim, seu afastamento de suas atividades? Quais os reflexos na Educação? Em que um dos principais integrantes está sofrendo adoecimento de seus corpos. Será que os professores estão recebendo preparação adequada para conseguir garantir o mínimo de qualidade em tempos de aulas remotas?

O cenário da escola Mário Barbosa para a disciplina de Educação Física é altamente precarizado e desafiador, pois são incontáveis problemas estruturais, de espaços e materiais que o professor tem que lidar diariamente,

como resultado, o ensino-aprendizagem se torna deficitário, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem de docentes e discentes. Com relação ao espaço e objetos utilizados nas aulas (FREITAS, 2014) destaca que:

Dessa forma, um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento de uma boa aula de Educação Física é a disponibilidade de uma estrutura física e os recursos pedagógicos adequados e bom estado de conservação que possibilite a mínima condição para a prática. (FREITAS, 2014, p. 09).

Na primeira metade do século passado já se alertava para a necessidade de investimentos maiores na Educação como um todo, infraestrutura das escolas, condições dignas de trabalho para os professores, para que as metas Educacionais da época fossem alcançadas e que houvesse de fato um rendimento maior dos alunos, com relação a isso, declarou:

Não há como fazer educação barata, como não se pode ganhar uma guerra barata, se for nossa defesa que estamos construindo, o seu preço nunca será demasiado caro, pois não há preço para sobrevivência. (TEIXEIRA 1971, p. 142).

O autor dizia que as instalações físicas deveriam ser pensadas através do modelo progressista de tempo integral. É de suma importância que as autoridades repensem suas políticas educacionais e promovam investimentos significativos na área educacional como política de Estado e não de Governo. Para a disciplina de Educação Física, é necessário a aquisição de novos materiais para as aulas até mesmo para que o professor possua um repertório diversificado de aulas para que possa modificar suas intervenções de acordo com o perfil dos alunos e também para conseguir fazer com que as atividades sejam mais atrativas, além disso, materiais e espaços em boas condições de uso não são encontrados na escola Estadual Mário Barbosa, e por isso havia um abandono de algumas temáticas da disciplina como Basquete e Vôlei, pois a escola não possui bola e na quadra não existia tabela para o Basquete e postes para amarrar a rede de Vôlei, atualmente, segundo Silva, (2021), a escola possui.

Nós temos cones, temos bambolês, tínhamos algumas bolas de basquete, um som, um data show que eu considero da escola que é possível usarmos nas aulas

de educação física, de material esportivo é isso, cone chinês, bambolê e corda, temos também rede de vôlei, mas não tem nem a bola nem os potes (Silva, 2021).

Alguns estudos apontam que a ideia implantada nas construções de espaços destinados às aulas de EF está intimamente ligada às crenças, aos valores de uma época e o contexto social, entretanto, ao olhar para as escolas que atualmente estão sendo construídas e até mesmo aquelas escolas existentes que estão recebendo manutenção, tal teoria é refutada, porque ainda hoje percebe-se a construção apenas de uma quadra poliesportiva ou nem isso, através desse fato, o que se pode perceber é a economia na construção dos espaços, ou seja, parece que a única regra é gastar o menos possível, porque hoje, a educação é vista como um gasto e não um investimento.

De acordo com Monteiro (1993), deve haver uma política de investimento relacionada aos espaços destinados às aulas de Educação Física, pois geralmente são espaços insalubres, sem cobertura contra os raios solares e sem estrutura para que o aluno consiga manter sua higiene pessoal porque não possui banheiros onde se possa banhar-se, o autor defende que para se pensar numa estrutura física para as aulas de EF, primeiramente precisa-se pensar em 3 fatores essenciais, questão climática, incidência de pluviosidade e ventos, pois os espaços para as aulas devem ser arejados e as instalações da escola deve contribuir para que tais espaços sejam confortáveis.

É evidente que na escola Mário Barbosa, a construção do espaço pensando para a aula de EF, não levou em consideração os 3 fatores de bastante importância e principalmente o clima de Belém do Pará, Região próxima a linha do Equador onde a incidência de Sol forte e de Chuvas é grande. Um termo bastante adequado para descrever esse cenário é a negligência do poder público com relação a comunidade escolar, ao construir um espaço sem mínimos critérios de segurança e higiene, isso reflete no adoecimento principalmente do professor que diariamente exposto ao sol e a chuva ministra suas aulas, em consequência, tais espaços precarizados e sem manutenção se tornam grandes potenciais de afastamento do trabalho por parte dos professores de EF, isso sem contar todas as outras causas

estressoras. Com relação ao adoecimento profissional, Oliveira e Da Silva (2015) afirmam que:

O adoecimento profissional, principalmente entre os docentes, vem crescendo de forma alarmante e torna clara a necessidade de alguma intervenção que minimize tal processo. O prazer em ensinar acaba se tornando sofrimento devido às condições para o ensino serem precárias e o apoio aos professores ser inferior ao necessário. Também há o agravante quando o professor não se encontra preparado para enfrentar algumas circunstâncias no ambiente escolar, seja a ausência de materiais e infraestrutura como de um aluno idealizado (motivado, disciplinado, que se adapta às propostas metodológicas do professor) que dificultam ou limitam o trabalho. Os conflitos encontrados nesses casos se tornam fatores estressores de forte impacto no professor, dificultando o ensino e o faz repensar no seu processo de formação profissional. O professor se sente insatisfeito, e aliado à formação profissional que pouco oferece possibilidades de novas intervenções, não consegue criar estratégias que contribuam para o processo de superação no trabalho, principalmente no início à docência (OLIVEIRA; DA SILVA, 2015, p. 2).

Conforme entrevista concedida o professor Silva afastou-se apenas uma vez por motivos de saúde e foi no período em que lecionava em uma escola situada no Município de Santa Izabel do Pará. Afastamento pelo trabalho até a data da entrevista não houve, e também, o docente relata que mesmo com más condições e uma jornada intensa de trabalho, nunca sentiu vontade de se afastar e que sente saudade de estar em uma sala de aula.

Outra problemática identificada pela falta de materiais é o docente ter que dispende de seus recursos financeiros para a aquisição de materiais. Segundo Silva (2021), sempre antes de um trimestre ou bimestre que ocorre a mudança de conteúdo, recorre ao comércio de Belém para adquirir materiais para as aulas de Educação Física, entretanto, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocorre de outra maneira, o professor compra os materiais de acordo com a quantidade de alunos que comprometem-se em devolver o dinheiro gasto pelo docente, exceto na última vez que o professor comprou os tabuleiros de xadrez, porque com a pandemia as aulas foram canceladas e os alunos não conseguiram realizar a devolução do dinheiro.

Antes da pandemia tem um xadrez que a gente comprou na véspera da pandemia devo ter comprado no dia 8 de março ou 10 de março e no dia 18, as aulas foram interrompidas, então foi uma ida que eu tive no comércio pra gente desenvolver o xadrez nas turmas da noite que tu participaste das aulas, a gente sentiu necessidade de adquirir logo nesse ano novo de 2020, mas aconteceu tudo isso e não teve, mas foi uma ida, na verdade foi uma parceria com os alunos, eu pedi pra eles comprarem e eles disseram que não estavam encontrando, aí eu disse que poderia ir no comércio e eles me devolviam a preço de custo eu comprei num valor e eles me devolviam no mesmo dinheiro, só que eu acabei comprando a mais para os alunos que de repente quisessem comprar depois e no final das contas eu acabei arcando com todo prejuízo porque eles iam me dar o dinheiro só depois, eu comprei o xadrez então veio a pandemia, essa é uma prática recorrente, a gente vai ao comércio, comércio que eu digo não é o espaço lá do comércio, mas sempre saio pra comprar as coisas pra garantir a aula da Educação Física (SILVA, 2021).

Através do acompanhamento na escola Estadual Mário Barbosa e da entrevista, percebe-se que esse ato era bastante recorrente, mas apenas na modalidade da EJA , no período noturno, nas outras turmas de Ensino Fundamental e Médio, inclusive Mundiar, essa prática de devolução do capital gasto pelo professor não era recorrente, essa situação ocorreu porque inúmeros alunos matriculados nessas modalidades de ensino não possuíam atividade remunerada, dependiam dos pais ou responsáveis, diferentemente dos discentes da EJA que aparentavam ter mais idade e a maioria possuía atividade remunerada.

Com relação a pandemia de COVID-19, Silva afirma que se infectou no fim do mês de Abril quase em Maio e que sentiu os sintomas diferenciados da doença como a perda de olfato e paladar, sentiu também febre de forma intensa e persistente, a partir disso procurou atendimento médico na Policlínica da Universidade Estadual do Pará (UEPA). Relata ainda que no momento de sua infecção, em casa, preocupou-se bastante com seus entes queridos, por esse motivo, sofreu de insônia, indo descansar cada vez mais tarde, posteriormente, soube que alguns de seus familiares haviam contraído a doença e que depois da cura, se tranquilizou, pois havia passado o período mais crítico da pandemia, em meados do Mês de Junho preocupou-se bastante a sua saúde mental e com sua psique.

Com relação a assistência a sua saúde mental em tempos de pandemia, o professor Silva relata que não procurou a Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) e, não foi procurado, o docente diz que o órgão não procura se informar de como professores e estudantes estão se sentindo em tempos de pandemia, até porque o Estado não se preocupa com ninguém, seria uma Utopia no Brasil atual, existir governantes que colocassem as demandas sociais como prioridade. Nesse período pandêmico onde o Brasil é um dos países que lidera o ranking de mortes e de pessoas infectadas é importante que os profissionais da educação e os alunos possuam assistência mental porque é um período difícil que pode impactar até mesmo no afastamento das suas atividades docentes no desenvolvimento de doenças psíquicas como depressão e ansiedade.

Considerações finais

As evidências em tela encontradas na escola Estadual, no contexto das aulas ministradas para 4 turmas do ensino Fundamental e 3 turmas do ensino Médio, demonstram que o professor Silva enfrenta inúmeros desafios os quais busca superar. Dentre esses, estão problemas que vão desde a falta de espaços e de materiais básicos necessários para ministrar aulas, até a carência de suporte profissional adequado. Isso porque, além de cumprir as tarefas características da profissão, Silva enfrenta diariamente a realidade precarizada do seu trabalho no que tange à escola Estadual Mário Barbosa, a qual não oferece condições adequadas para as aulas de educação física e acaba submetendo o profissional a garantir por conta própria o mínimo de condições para o alcance da aprendizagem. O professor por muitas vezes precisou despender de recursos financeiros próprios para adquirir materiais.

As dificuldades se expandem para além dos muros da escola. Existem outras áreas afetadas como a rotina professor de educação física, que se vê atuando em mais de uma escola afim de garantir a carga horária mínima exigida pela Secretaria de Educação, conseqüentemente tendo a qualidade de vida afetada. Nem em tempos de pandemia Silva recebeu subsídio por parte do

Governo do Estado do Pará, para aquisição de um plano de internet para que pudesse lecionar, o docente relatou ainda, que não houve nenhuma assistência à sua saúde mental.

Com relação às possibilidades de superação das mazelas evidenciadas na escola Estadual para garantir o ensino da educação física, são poucas, mas existem. O professor Silva, apesar de não ter um espaço em boas condições para ministrar suas aulas, adapta alguns locais dentro da escola, como foi mostrado neste trabalho. Tal estratégia contribui de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois, com espaço e materiais básicos arranjados pelo professor, os estudantes podem compreender o mínimo das temáticas propostas pelo docente, isso foi evidenciado através das provas escritas realizadas pelos alunos na época do PRP. Outra possibilidade de superar os desafios do ensino da EF é a aquisição dos materiais para trabalhar temáticas relacionadas ao conteúdo jogo, esportes e lutas. Na época do PRP, por exemplo, o professor Silva comprou algumas bolinhas de plástico para simular um jogo eletrônico chamado Free Fire (Fogo livre), amplamente conhecido entre as crianças e adolescentes, que foi proposto e adaptado para a realidade, pelos alunos do 6 ano do ensino fundamental.

Por fim, através do contexto apresentado nesta pesquisa, buscou-se colaborar para que outras temáticas possam ser potencializadas como, políticas públicas voltadas para promover melhorias das condições de trabalho dos professores (a), interferências de organismos internacionais no processo de construção da legislação educacional no Brasil e o sucateamento da escola pública em detrimento da iniciativa privada, adoecimento mental e físico de professores (as) e violência urbana.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Jairo Alves dos. **A importância das atividades lúdicas nas aulas de educação física no processo ensino aprendizagem**. 2013. 45f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade de Brasília, Ariquemes-RO, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Lei nº 9.424, de 24 de dezembro de 1996. Dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério, na forma prevista no art. 60, § 7º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e dá outras providências. Brasília, 1996.

BAGATINI, Gabriela Zucki; SOUZA, Maristela da Silva. Formação continuada para professores de Educação Física: análise da produção do conhecimento, **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 31, n. 58, p. 01-16, abril/julho, 2019.

BORGES, Jéssica Souza. A depredação do patrimônio público escolar em Marabá-PA: um estudo de caso. IN: **II Simpósio de Produção Científica da UNIFESSPA**: a pesquisa científica e as interações com a realidade amazônica, fevereiro de 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física, 3o e 4o ciclos, v.7, Brasília: MEC, 1998.

CAVAMURA, Mariana Piccoli. **Preconceito, discriminação e exclusão dos menos habilidosos em aulas de Educação Física**. 2010. 40f. Trabalho de Conclusão de Curso - (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2010.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

DA SILVA ILHA, Franciele Roos; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Esportivização da educação física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação. **Movimento**, v. 22, n. 1, p. 173-186, 2016.

DA SILVA MONTEIRO, José Eduardo. Caracterização das Instalações da Educação Física Escolar. **Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física**, n. 13, p. 67-88, 2017.

DAL ROSSO, Sadi. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 31-34, 2006.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Papyrus Editora, 1994.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades**. LETPEF - Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física. Departamento de Educação Física -UNESP- Rio Claro, p.21-33, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da educação física na escola. IN: DARIDO, S. C.; RANGEL. I. C. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64-79, 2005.

DE OLIVEIRA, Ecilia Braga. O PROFESSOR DO CAMPO E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: doi. org/10.29327/217514.6. 12-14. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 6, n. 12, p. 13-13, 2020.

DERISSO, José Luis; DE CÁSSIA DUARTE, Rita. Crítica ao ideário neoliberal na educação: precarização e descaracterização da escola pública paulista. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 17, n. 4, p. 1169-1185, 2017.

FREITAS, H; **A importância do espaço físico e materiais pedagógicos para as aulas de Educação Física na escola pública do município de Unai/MG**; Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) Universidade de Brasília/DF. pág. 36. 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido* 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2013.

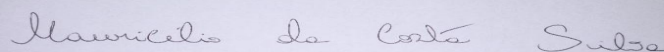
- LEMOS, J.C.; CRUZ, R.M. **Condições e cargas de trabalho da atividade docente**. Revista Plural, Florianópolis, p.20-27, jun. 2005.
- Silva, Jean C. **Entrevista I**. Entrevista cedida pelo professor Jean Costa Silva. Duração 43:40 segundos. *Google meet*. 2021.
- MENDES, Áquilas. A saúde pública brasileira no contexto da crise do Estado ou do capitalismo?. **Saúde e Sociedade**, v. 24, p. 66-81, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017.
- NILAN, P. Teachers' work and schooling in Bali. **International Review of Education**, n. 49, v.6, pp. 563-584, 2003.
- NUNES, L. F. "Reintegração de posse": a ocupação das escolas estaduais no estado do Rio de Janeiro como processo de reavivamento da escola pública. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 3., 2016, Natal. Anais... Campina Grande, PB: UEPB, 2016.
- OLIVEIRA, Dalila. Andrade. **Trabalho docente**. Dicionário: trabalho, profissão e condição Docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.
- OLIVEIRA, Wendel Cristian de; SILVA, Flávia Gonçalves da. Alienação, sofrimento e adoecimento do professor na educação básica. **Revista LABOR**, Fortaleza, v. 1, n. 13, p. 7-27, 2015.
- PARÁ, **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa, Belém, 2016.
- RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DOS SANTOS DUARTE, Cláudia. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: Mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.
- SANCHES NETTO, L. E BETTI, M. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5a. a 8a. série do ensino fundamental. **Rev. bras. Educ. Fis. Esp.**, São Paulo, v.22, n.1, p.5-23, jan./mar. 2008
- SILVA, A. J.; SILVA, C. C.; TINOCO, R. D.; ARAUJO, A. C.; VENÂNCIO, L.; SANCHES NETO, L. ; FREIRE, E. S.; CONCEIÇÃO, W. L. Dilemmas, Challenges, and Strategies of Physical Education Teachers-Researchers to Combat Covid-19 (SARS-CoV-2) in Brazil. **Frontiers in Education**, v. 5, p. 1-15, 2021.
- SILVA, MAURICÉLIO. **Diário de bordo Mário Barbosa**. Belém: [s.l.], 2018. 1 diário de bordo.
- SOARES, Everton Rocha. Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 169, p. 3-5, 2012.
- SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1105-1121, 2011.
- TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. Companhia Editora Nacional, 1971.
- VERISSIMO, Patricia Maria Dias et al. **A flexibilização das formas de contrato docente na educação básica da rede pública da Bahia**. 2021. 106f.Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania) – Universidade Católica de Salvador, Bahia, 2020.

Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, **Jean Carlos Costa Machado**, está sendo convidado para participar da pesquisa sob o título “Desafios e possibilidades do ensino da educação física:

Um estudo de caso em uma escola pública em Belém do Pará”, a qualquer momento antes da conclusão deste você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento, sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o (a) estudante/pesquisador/professor/ ou com a instituição. O objetivo geral deste estudo é evidenciar desafios e possibilidades no ensino da Educação Física na escola Estadual Mário Barbosa. E os objetivos específicos são a) Analisar a jornada e condições de trabalho do professor titular da disciplina na escola Estadual Mário Barbosa; b) Identificar e analisar a demanda de espaços e materiais destinados às aulas de educação física; c) Identificar quais as práticas corporais foram desenvolvidas, as razões das escolhas e como se deu esse processo.

Sua participação neste estudo consistirá em permitir o registro de observações, registros em diários de campo, conceder entrevista gravada e responder questionários para uso exclusivamente acadêmico.



Maurício da Costa Silva

(RG: 6827507 – Tel: 98081-0684 / Aluno (a) regular do Instituto de Ciências da Educação (ICED), Faculdade de Educação Física (FEF). Orientado (a) pelo Prof.(a) Willian Lazaretti da Conceição).

Declaro que entendi os objetivos e concordo em participar.

Belém, 12 / 01 / 2021.



Jean Carlos Costa Machado

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel: _____).

Apêndice A - Diários De Campo - Mário Barbosa

DIÁRIO DE CAMPO Nº 1

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: EJA Primeira Etapa e EJA Segunda Etapa

Data: 18/10/2018 Turno:NOITE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Cheguei na escola um pouco atrasado e fui recebido pelo porteiro aparentemente bastante educado, entrei e logo me deparei com um cenário altamente precário, começando pela entrada, o muro era muito baixo, a iluminação da escola era precária quase não havia, apenas -0000000=nas salas e o corredor principal, estava na hora da merenda que era bolacha com suco industrializado, logo nota-se a falta de preocupação do poder público com a má alimentação dos alunos, o suco industrializado contém substâncias cancerígenas além de conter bastante açúcar que ingerido em grandes quantidades pode gerar diabetes sem contar a água que é preparado o suco, não se sabe se ela é apropriada para o consumo, pode conter inúmeras bactérias causadoras de doenças graves.

Entre na sala e já estava acontecendo a aula, a turma era o EJA (educação de jovens e adultos), era notório a falta de estrutura das salas. Havia muitas cadeiras quebradas e mesas também, havia pichações em quase tudo, nas mesas, cadeiras, paredes nas janelas e portas.

As janelas eram abertas sempre que alguém passava no corredor os alunos encarnavam, isso desviava a atenção dos discentes atrapalhando a aula consideravelmente, mesmo acontecendo a aula os alunos estavam inquietos.

O professor passou um trabalho para ajudar os alunos principalmente aqueles discentes que estavam com notas baixas o conteúdo do trabalho era ginástica, os alunos deveriam produzir um pequeno quadro fazendo uma comparação entre a ginástica da Suécia e o Crossfit, eles deviam fazer uma descrição sobre os objetivos, materiais utilizados e a origem de cada uma dessas modalidades, no fim da aula o professor fez uma breve revisão sobre o conteúdo jogo, trabalhado nas avaliações anteriores, logo após, passou um trabalho valendo uma determinada pontuação.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 2

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 601(6º ano), 801(8º ano), MUNDIAR Fundamental (segunda etapa)

Data: 08/11/2018 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Quando entramos na escola era notório a falta de estrutura e especialmente a área destinada às aulas práticas de educação física, tanto no quesito espaço quanto no quesito materiais, a quadra de esportes continha muito mato ao redor e o piso da quadra parecia ser de cimento, porém por conta da chuva e pela falta de manutenção a estrutura apresentava inúmeras falhas, por conta disso pode ocorrer vários acidentes graves, a escola apresentava várias falhas na sua estrutura, por exemplo o muro era baixo com relação a rua facilitando assim a entrada de pessoas mal intencionadas para roubar a escola, o clima era muito quente, as salas não haviam janelas adequadas, tinha mofo em algumas cadeiras e mesas, o mato na escola inteira era alto.

As aulas neste dia aparentemente foram proveitosas para observar, percebi algumas coisas com relação aos alunos como por exemplo o desinteresse pela aula quando ela ocorre na sala de aula, a euforia quando a aula ocorre na quadra, as más condições de trabalho dos docentes, as conversas de cunho sexual por parte dos alunos, e foi até inevitável ouvir palavras de baixo calão, principalmente fazendo referência ao órgão genital masculino e feminino.

Depois dos jogos internos da escola Mário Barbosa ocorridos no ginásio da Universidade Federal rural da Amazônia houve um momento no horário da tarde destinado a solenidade de entrega das medalhas em que o professor Jean fez um breve discurso ressaltando a

importância do esporte na escola, sobretudo alguns atributos das modalidades como a cooperação o espírito competitivo e de equipe, logo após a diretora pronunciou algumas palavras especialmente parabenizando e agradecendo o docente pela organização e pela seu compromisso com a escola, sobretudo com os escola onde foram entregues as medalhas para os campeões das modalidades.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 3

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: EJA Primeira Etapa e EJA Segunda Etapa

Data: 08/11/2018 Turno: NOITE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

O professor em todas as turmas que entramos pediu que os alunos entregassem alguns trabalhos referentes à avaliação para corrigir e entregar as notas dos alunos, durante quase toda a aula ele ficou sentado corrigindo, enquanto isso os alunos estavam muito inquietos brincando uns com os outros principalmente sobre o “bumbum” e fazendo convites inclusive ao professor para ir para um motel localizado perto da escola de nome “secreto”.

Logo em seguida perto do fim das aulas conversou com os alunos acerca do tema respeito e abordou sobre a importância dos alunos se respeitar, respeitar o professor, e acima de tudo se auto respeitar, no fim fez a frequência e saímos, nesse dia o professor entrou em apenas uma turma da modalidade EJA.

O Docente a uma primeira vista parece ser organizado, respeitoso, competente e uma pessoa carismática e atenciosa, todas as dúvidas dos alunos sobre notas ou alguma dúvida com relação ao trabalho ele tirava, uma das coisas que me chamou a atenção também foi o cuidado e a atenção que tinha com relação às pessoas de maior idade, houve um aluno que o fez uma pergunta e ele explicou quatro vezes a resposta para o aluno, sinceramente superou minhas expectativas quanto a pessoa dele.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 4

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 901(9º ano), 102(1º ano médio), 201(2º ano médio).

Data: 09/11/2018 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Chegamos na escola e fomos recebidos primeiramente pelo porteiro, quando adentramos na escola, nos deparamos com o professor Jean arrumando uma espécie de mesa de ping pong, alguns alunos ajudaram a montar a mesa e posicionar a rede.

A aula iniciou com os alunos praticando o tênis de mesa, não se sabe se o professor já havia trabalhado este conteúdo em outras aulas ou se o professor estava trabalhando uma perspectiva diferente, partindo do conhecimento empírico que os alunos carregavam. Para os materiais foram utilizados um compensado para improvisar uma mesa de ping pong confeccionada pelo professor inclusive sua pintura até mesmo sua, duas raquetes e uma bolinha.

O professor pediu para que 8 alunos fizessem uma pequena competição dois de cada vez entre quartas de final, semifinal e final, os alunos não utilizaram todas as regras, apenas os mais comuns como, o saque diagonal, defesa, ataque, cortada, não usaram a regra do net, a pontuação máxima era de 12 pontos, se os dois adversários chegassem aos 12 pontos, ou seja, empatados, é necessário que haja dois pontos de vantagem sobre o adversário para se vencer a partida.

O professor compareceu apenas em três momentos para orientar a turma na contagem dos pontos, pois estava dando aula de Dama em outra turma, ou seja, o professor estava dando aula para duas turmas ao mesmo tempo. Uma das aparições do docente ocorreu no fim da aula para jogar umas partidas com os alunos, inclusive nós fomos convidados a jogar também com os alunos.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 5

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 601(6º ano), 801(8º ano), MUNDIAR Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano)

Data: 29/11/2018 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Tema: Ideias sobre ginástica, questões iniciais.

Chegamos à turma após o intervalo junto com o professor e a sala ainda estava vazia, perguntamos se os alunos não iriam voltar para a aula, ele respondeu, “alguns voltam, mas a maioria vai embora”. De início o docente elaborou quatro perguntas e pediu para os alunos responderem, o professor deu um tempo pequeno para os alunos responderem as quatro perguntas de cunho explorativas elaboradas pelo professor com o intuito de explorar o que os discentes sabiam ou tinham noção sobre a ginástica.

No momento em que o professor escrevia as perguntas no quadro os alunos voltaram para a sala de aula, não todos, apenas uns seis ou sete, e conforme iam se sentando e copiando o que estava no quadro, enquanto elaboravam suas respostas o professor estava corrigindo as provas da turma, alguns alunos se aproximaram do professor e ficavam falando coisas do tipo, “fulano você é muito burro” em tom de “chacota” para os outros alunos que tiravam notas baixas para a média da escola, quando professor acabou de corrigir as provas, ele fez a frequência e a grande maioria da turma respondeu a frequência e pegaram suas mochilas e foram embora mesmo sem ter tocado o sinal de término da aula. Depois de alguns minutos a aula acabou e o restante saiu.

De início o docente elaborou quatro perguntas a fim de se fazer um diagnóstico sobre o que os alunos conheciam sobre o tema, sua abordagem era a crítico superadora (COLETIVO DE AUTORES), o professor dizia que para escolher um conteúdo, levava em consideração o espaço disponível para as aulas, os materiais que a escola possuía e o que ele poderia comprar, após anotar as perguntas no quadro pediu para os alunos responderem. Enquanto o professor escrevia as perguntas, os alunos estavam na “baderna”, além de falar alto, os educandos tinham conversas de cunho sexual por exemplo: “Bom dia só pra quem comeu a tia”, além disso, eles falavam que haviam “comido” e como “comeu”, o que era visível, era que apenas os meninos falavam essas coisas, a turma era formada pela maioria homens, haviam apenas 3 meninas. Houve um momento em que o professor Jean os repreendeu e disse “pessoal, parem de falar da vida sexual de vocês” e um aluno respondeu, “professor? O Senhor já “pegou” a professora fulana” (não me recordo o nome dela).

As perguntas elaboradas pelo professor tinham cunho exploratório, buscavam saber, investigar o que os alunos conhecem sobre a ginástica. O professor deu um tempo limite para os alunos responderem as perguntas. Após o tempo limite alguns alunos entregaram o caderno para o professor ler, a única exigência era que não deixassem o caderno em branco. Nem todos entregaram a atividade, alguns ainda permaneceram escrevendo suas respostas, ao sinal da campainha do intervalo, todos saíram da turma inclusive quem ainda estava formulando suas respostas para entregar para o professor, encerrando a aula.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 6

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: EJA Primeira Etapa e EJA Segunda Etapa

Data: 29/11/2018 Turno: NOITE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Chegamos na escola e percebi que a mesma tinha uma péssima iluminação, as únicas áreas iluminadas era as salas e o corredor de entrada até o pátio à sala de aula, na questão segurança, era de má qualidade, digamos que a única segurança que havia ali era realizado por um vigia que nem arma tinha, o estacionamento e a copa onde as pessoas lancham eram escuros, enfim a escola é totalmente precarizada poucas coisas funcionam realmente.

Na sala de aula nem todos estavam presentes, acredito que por conta do trabalho, a aula não teve nenhum tipo de conteúdo, o professor Jean apenas corrigiu as provas e fez a frequência dos alunos, uma das coisas que me chamou a atenção foi presença de alguns filhos de

algumas alunas inclusive crianças que ainda mamavam, o semblante dos alunos era de cansaço e, além disso, haviam muitos jovens que aparentavam ter uns 22 a 23 anos mesclados com outros adultos de meia idade, o professor estava com dor de cabeça e estava com a voz rouca inclusive pediu para os alunos não falarem muito alto, aparência de cansaço.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 7

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 901(9º ano), 102(1º ano médio), 201(2º ano médio).

Data: 30/11/2018 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Na escola Mário Barbosa neste dia não houve aula em sala de aula da disciplina educação física na área livre no centro da escola estava acontecendo algumas comemorações referentes ao dia da consciência negra onde os alunos, recitaram poemas, aprenderam um pouco mais sobre a cultura afro descendente confeccionaram bonequinhos a partir de panos de TNT, houve um desfile de moda africana dando ênfase às mais variadas formas de se usar algumas peças de roupas específicas da cultura africana.

Era notório o envolvimento de todos os alunos, era raro ver algum aluno parado sem fazer nada, ou estavam ouvindo histórias sobre o povo africano, ou estavam ajudando os professores a organizar o local, ou estavam recitando algum poema, além da área livre onde estava concentrada a maior parte dos alunos, havia mais duas salas de aula que foram separadas para passar alguns filmes de gêneros em geral como filmes de super heróis, como por exemplo, o filme Pantera Negra.

No mais, as comemorações foram satisfatórias, acredito que tudo que foi realizado, foi unicamente com o objetivo de se não erradicar, mas diminuir os preconceitos que carregamos com relação a cultura afro descente, não somos descendentes de escravos e sim de Reis, Príncipes e Rainhas que foram arrancados e submetidos ao que há de mais cruel advindo do ser humano, o ato de escravizar.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 8

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 601(6º ano), 801(8º ano), MUNDIAR Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano)

Data: 06/12/2018 Turno: TARDE

Por conta da chuva forte e outros fatores neste dia, chegamos um pouco atrasados, o porteiro nos disse que o professor Jean estava na quadra. A aula já estava acontecendo, havia muitos alunos participando da aula e outros que estavam ao redor da quadra, esses que estavam pelo lado de fora da quadra não eram pertencentes das turmas que estavam em quadra participando das aulas.

O conteúdo da aula era futsal na prática, dois times compostos por meninos e meninas, o professor teve a ideia de juntar duas turmas porque um dos professores que iria dar aula em uma dessas turmas faltou, por conta disso o professor uniu as duas turmas (Mundiar 2 que corresponde a 7º e 8º ano e a 801 oitava série regular).

Em determinados momentos o docente interveio no jogo para colocar outros times para jogar porque os times que estavam em quadra não queriam dar a vez para os outros participarem da atividade.

No decorrer dos jogos era comum ouvir dos alunos homens frases de cunho machista como “Isso aqui é jogo pra homem” ou “quer moleza, vai brincar de boneca”, principalmente quando um colega reclamava do outro colega por ter entrado de maneira forte numa disputa de bola. A aula terminou com a frequência e o professor foi buscar a turma do 6º ano. Em um momento da aula presenciamos uma aluna levantando a camisa para uma outra aluna até a altura dos seios por três vezes.

Obs. No decorrer da aula nós perguntamos aos alunos se tinham uniforme adequado para a prática da Educação Física, e relataram que não possuíam e que inclusive a escola não tinha uniforme para isso, e que o professor não cobra nem que utilizem outra vestimenta que seja adequada para as práticas nas aulas de Educação Física, utilizavam o próprio uniforme da

escola. Os alunos vivenciavam as aulas de calça Jeans e calçados inapropriados para a atividade proposta.

A quadra é um pouco afastada das salas onde ocorrem as aulas normalmente, vi uns 7 alunos da turma correndo apressados para a quadra e o professor Jean logo atrás, a turma parecia ser pequena, mas o professor nos relatou que a maioria havia ido embora, a aula iniciou com os alunos vivenciando a prática do futsal, como eram poucos os participantes o docente chamou alguns alunos de outras turmas que estavam em volta da quadra observando para completar o times, nos times havia predominância de meninos, havia apenas uma menina.

A aula iniciou às 15:30 hs, o clima era abafado, pois havia chovido e mesmo com a famosa chuva da tarde em Belém o clima era abafado, sentíamos um mormaço forte que dava para suar bastante, o professor Jean parecia estar aborrecido com alguma coisa, mas preferi não perguntar e respeitar o momento que ele estava passando. Por conta do sol que apareceu logo em seguida o docente deu uma pausa na aula, pois estava fazendo muito calor que coincidiu com o intervalo para a merenda, todos saíram apressadamente para a fila da copa, nós, os alunos do residência pedagógica fomos para uma área esperar a retomada da aula, porém isso não aconteceu, o professor Jean sumiu das nossas vistas, procuramos ele pela escola mas não o achamos, com isso voltamos para a ufpa para Jantar no Ru.

Nesta turma não houve aula com conteúdo, apenas prova. O professor passou a prova para os alunos e deu um tempo determinado para concluírem, os conteúdos cobrados no teste eram articulados com os jogos da escola e com o conteúdo programático regular da disciplina.

Entramos em sala de aula e as meninas ficavam assobiando para nós alunos do residência pedagógica e nos encarando de forma estranha, quando o professor anunciou que íamos ajudá-lo na fiscalização da prova os discentes reclamaram dizendo que não éramos bem vindos e que não éramos alunos da escola, depois de um certo momento o professor conteve os ânimos falando mais alto e chamando a atenção de alguns, depois de uns 5 minutos aproximadamente 10 alunos haviam entregado a prova, eu conversei com uma menina que estava ao meu lado e perguntei se ela estava preparada para a prova e ela disse que não porque não era aluna daquela turma em questão. Depois de 10 minutos todos já haviam entregado a prova e ali se encerrava o turno da tarde.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 9

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: EJA Primeira Etapa e EJA Segunda Etapa

Data: 06/12/2018 Turno: NOITE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Saímos da UFPA e fomos para a escola, chegamos junto ao professor na sala e notamos que a sala estava bastante agitada, havia várias cadeiras vazias, mas acredito que pelo menos metade da turma estava presente. O professor começou o período da aula corrigindo as provas da terceira avaliação da turma, durante a correção pediu para os alunos levarem o caderno com os vistos que valia uma determinada pontuação. Enquanto corrigia as provas os alunos estavam rindo alto e "sacaneando" uns com os outros as "brincadeiras" tinham cunho sexual, "brincavam" com o bumbum dos colegas inclusive do professor.

A sala de aula que entrei foi a 1º em que havia ar-condicionado, as paredes eram todas marcadas com frases e com nomes de alunos e haviam algumas pichações também, as carteiras não eram diferentes, além disso eram precárias e em algumas alguém desenhou o órgão genital masculino, (o que chamou a atenção é que em todas as salas que entramos encontramos essas características nas salas de aula) no fim da sala havia uma espécie de pia de cozinha de casa popular. O professor parecia estar exausto (Ele comentou que tinha uma carga horária de 40H semanais e trabalhava em 3 escolas), e parecia também estar apressado para acabar a aula, no fim fez a frequência e saímos da turma.

Nesta turma entramos ao mesmo tempo com o professor Jean, na sala de aula havia apenas um aluno, no percorrer da aula o restante da turma chegou, alguns colegas trouxeram seus filhos para a aula, a turma era uma mescla de alunos de meia idade aproximadamente uns 40 anos e outros alunos jovens que deviam ter 19 ou 20 anos.

Inicialmente o docente fez uma revisão bem rápida sobre o conteúdo jogo bem como aspectos do mesmo, competição, brincadeira, cooperação, após o breve resumo o professor passou

uma atividade de pesquisa valendo uma certa pontuação, os alunos deveriam pesquisar um jogo cooperativo e deviam abordar alguns aspectos como, O que é? Como se joga? Quantas pessoas? Materiais? E regras? A aula ocorreu de maneira breve, o professor Jean aparentemente estava bastante cansado, com olheiras e bocejando muito, fechou a aula com a frequência e deu algumas orientações finais sobre a pesquisa.

Entramos na sala de aula por volta das 20:15hs a sala era equipada com ar-condicionado as janelas eram de vidro, cadeiras e mesas pichadas, eram aproximadamente uns quinze alunos presentes e uma criança pequena de mais ou menos uns 6 anos de idade filho de um dos alunos.

O professor Jean iniciou a entrega da 3ª avaliação para os alunos alguns obtiveram notas boas outros não, a turma era bem calma com relação aos outros, também notei que os alunos pareciam ser mais velhos em idade, nesta turma no fim da aula o docente pediu uma trabalho que valia uma certa pontuação, era sobre jogos cooperativos, deu algumas orientações, após isso fez a frequência e saímos da turma.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 10

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: Entrevista com o professor e a coordenação pedagógica da escola.

Data: 13/12/2018 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Entrevista com a coordenadora pedagógica e solicitação do ppp.

Neste dia saímos da ufpa e nós tentamos um primeiro contato com a vice-diretora, queríamos o plano do curso, ela nos informou que só quem tem a posse deste documento era a diretora da manha, mas que ela se prontificou em conseguir esse documento para nós, aproveitamos a ocasião e fizemos algumas perguntas para ela, se a escola recebe verba anualmente, se recebia manutenção dos equipamentos e materiais utilizados nas aulas, quando foi a última reforma, com relação a quadra, qual a previsão de melhorias para a quadra de esportes onde acontecem as aulas de educação física.

A vice-diretora deu respostas bem curtas e bem desmotivadoras, ao que parece a escola não recebe há muito tempo manutenção nem verba para se estruturar, e nem há previsão de reforma, bem ao que me pareceu o cenário era degradante, desmotivador, realmente o poder público quer precarizar a escola pública em todos os sentidos e o pior é que esse processo é mais acelerado do que imaginamos.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 11

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 601(6º ano), 801(8º ano), MUNDIAR Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano)

Data: 10/01/2019 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Cheguei na porta da escola e o porteiro não queria abrir o portão para mim, porque eu estava de bermuda e pelo fato de ser um espaço público segundo ele eu não estava com a vestimenta adequada, convenci ele dizendo que sou do projeto residência pedagógica e aluno da ufpa, enfim, ele abriu o portão e deixou com que eu adentrasse nas dependências da escola, chegando na área livre e encontrei meus companheiros de pesquisa, esperamos o horário das aulas porém as aulas não começaram, esperamos mais um pouco até mais ou menos as 17:00 para tirar dúvidas que algumas demandas advindas dos alunos, enquanto esperávamos ouvimos os alunos reclamando do professor pelo fato de não aparecer na escola no horário certo e pela demora no lançamento das notas no sistema da SEDUC, notei também que no momento das aulas inúmeros alunos estavam fora de sala na bagunça pelos corredores, gritando.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 12

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado
 Turmas: EJA Primeira Etapa e EJA Segunda Etapa
 Data: 10/01/2019 Turno: NOITE

Anotações das atividades observadas na escola – campo:

Não houve conteúdo, apenas prova. Estava muito frio por conta da chuva forte que caiu pela tarde, a sala estava completamente cheia, ao que parece, todos os alunos compareceram. As provas iniciaram e os alunos deveriam resolver duas provas, uma de educação física e a outra da disciplina de artes, os dois professores de ambas as disciplinas estavam presentes em sala fiscalizando a prova, demorou bastante para todos os alunos ficarem em silêncio e se concentrarem na prova. Havia uma infestação imensa de mosquitos, acredito que por conta do Mato alto em volta e em alguns pontos no interior da escola, o clima chuvoso também contribui.

A presença de crianças filhos dos alunos era recorrente em todas as turmas que visitamos Os alunos colaram em quase todos os momentos da prova inclusive uma aluna usou seu filho para isso, ela pedia para a criança ir na mesa do colega ao lado para saber a resposta das perguntas, não sei se foi apenas essa aluna que fez isso, enfim, acabaram em menos de 30 minutos a prova e todos saíram. Além disso, junto com a prova entregaram um trabalho complementar que ajudaria a aumentar a nota, trabalho sobre jogos cooperativos.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 13

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: 901(9º ano), 102(1º ano médio), 201(2º ano médio).

Data: 11/01/2019 Turno: TARDE

Anotações das atividades observadas na escola – campo

Chegamos a escola Mário Barbosa e enquanto esperávamos a chegada do professor Jean, conversamos em uma área próxima à sala dos professores, quando avistamos um senhor chegando com um carrinho de mão, ele entrou na copa da escola e saiu alguns minutos depois com grades ferros tortas, isso nos chamou a atenção, e perguntamos o que havia acontecido e para onde ele levaria as grades, ele nos respondeu que levaria para um ferro velho que se localizava perto da escola e nos disse que na noite anterior, vândalos entraram na escola pulando o muro e entortaram as grades da copa onde é preparada a merenda dos alunos para roubar o gás de cozinha, ele nos disse que isso era corriqueiro, acontecia o tempo inteiro, não apenas com o gás, mas com outros objetos da escola como as caixinhas de som, computadores e a cantina também.

O professor Jean chegou e ele nos deu algumas orientações sobre entrega de trabalhos e notas nas salas de aula. Antes de entrar nas salas vários alunos o procuraram para se informar das notas das provas.

O Professor não entrou nas salas, ele pediu para que o chefe de turma entregasse os trabalhos de forma individual, um aluno o ameaçou dizendo que ia riscar a moto dele caso tirasse uma nota baixa ou ficasse de recuperação, ao meu ver ele parecia estar brincando, mas acho que docente nem ouviu, pois não falou nada.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

DIÁRIO DE CAMPO Nº 14

Escola: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa

Professor: Jean Carlos Costa Machado

Turmas: EJA

Data: 11/01/2019 Turno: NOITE

Anotações das atividades observadas na escola – campo

Chegamos na escola e o professor nos informou que naquele dia não iria passar nenhum tipo de conteúdo apenas resolver algumas questões dos alunos de notas, recuperação, lançamento de algumas notas equivocadas, a escola estava bastante vazia e por conta disso poderia ser perigoso para nós permanecermos.

O docente comunicou aos alunos que estaria na coordenação pedagógica esperando-os para resolver essas demandas até um determinado período, inúmeros alunos o procuraram para entregar trabalhos verificar suas notas e pendências. Após as demandas dos

alunos ele iniciou a correção de alguns trabalhos e algumas notas, mas não ficamos muito tempo porque ele já estava cansado do dia árduo de trabalho.

Assinatura do estudante: Mauricelio da Costa Silva

Apêndice A - Entrevista durante a pandemia

1 - Já teve algum afastamento?

Se sim, por qual razão?

Não, por conta do trabalho que eu desenvolvi, não no Mário Barbosa, uma vez eu tava jogando bola em Santa Izabel e eu chutei um “toco” que abriu meus dedos, mas faz tempo lá em Santa Izabel, no Mário Barbosa nunca tive afastamento, não pelo trabalho.

2 – O senhor já sentiu vontade de se afastar?

Se sim, qual razão?

Não, nunca quis me afastar totalmente, eu tive um afastamento porque eu sai para fazer o meu mestrado, eu não saí do município, só saí do Mário Barbosa, nunca senti vontade de me afastar eu sempre tenho a consciência que a gente tem uma jornada maior do que a gente poderia garantir com um bom trabalho tanto nosso, fazer um bom trabalho quanto oferecer, os alunos terem um bom trabalho também, a direção enfim, mas não que isso tivesse me causado a vontade de me afastar, nunca tive, estou até com saudade da sala de aula agora.

3 - A escola supre as aulas com os materiais necessários?

Não, praticamente com nenhum material necessário, a escola Mário Barbosa é... não recebe material de Educação Física desde quando eu entrei na escola em 2014, quando eu entrei em 2014 tinha um material do projeto mais educação, mas destinado para a Educação Física especificamente não, não nesse período, que eu estou lá desde 2014, e ano passado, não em 2019, uma professora que dava aula numa faculdade particular, a professora Estefani recebeu um kit, mas era uma bola, uma corda, um kit feito pela própria faculdade que doou para o Mário Barbosa, foi um material diferente, mas pra uma escola que tem 500 alunos um kit de uma bola de Vôlei, uma bola de futebol, uma corda e uma rede, é irrisório então acho que não tem condições nenhuma de materiais não, ah sim, e o que ficou do residência pedagógica foram os cones que ficaram mais tempo, cones, chinês, algumas cordas, arcos, então são esses pequenos materiais que a gente ainda tem na escola, mas de resto eu não utilizo nenhum,

apesar da escola ter data show ainda, apesar de dar para usar nas aulas de Educação Física, tem um som, mas às vezes a gente não encontra cabo, as vezes está com outros professores, então às vezes eu prefiro logo pensar que não tem, e prefiro levar meus materiais.

4 - Você já precisou comprar algum material e despende do seu próprio capital?

Com certeza, é um gasto a cada troca de conteúdo ou bimestre ou a cada trimestre eu preciso me lançar aí no comércio de Belém pra.... pra poder adquirir os materiais que são necessários para as aulas, vou até mostrar aqui que antes da pandemia tem um xadrez que a gente comprou na véspera da pandemia devo ter comprado no dia 8 de março ou 10 de março e no dia 18 as aulas foram interrompidas, então foi uma ida que eu tive no comércio pra gente desenvolver o xadrez nas turmas da noite que tu participaste das aulas, a gente sentiu necessidade de adquirir logo nesse ano novo de 2020, mas aconteceu tudo isso e não teve, mas foi uma ida, na verdade foi uma parceria com os alunos, eu pedi pra eles comprarem e eles disseram que não estavam encontrando, aí eu disse que poderia ir no comércio e eles me devolviam a preço de custo eu comprei num valor e eles me devolviam no mesmo dinheiro, só que eu acabei comprando a mais para os alunos que der repente quisessem comprar depois e no final das contas eu acabei arcando com todo prejuízo porque eles iam me dar o dinheiro só depois, eu comprei o xadrez então veio a pandemia, essa é uma prática recorrente, a gente vai ao comércio, comércio que eu digo não é o espaço lá do comércio, mas sempre saio pra comprar as coisas pra garantir a aula da Educação Física.

5- Em termos de infraestrutura consegue desenvolver todas as atividades que você ou os alunos desejam?

Não, um dia desses estava até conversando com uma ex-aluna que estava na universidade e aí eu estava revendo umas imagens que tinha umas aulas de handebol 13:00 Hrs, a aula começava quase 12:00hrs e ia até quase 13:00hrs e aí era um sol escaldante e aparecia as alunas se escondendo no mínimo de sombra que tinha na escola, e aí eu estava até comentando com ela que se fosse hoje, nós não teríamos aula, com a experiência adquirida nisso, nesse tempo aí de Mário Barbosa, eu não faria aquelas aulas práticas naquele sol, naquelas condições tão quentes que não dá nem pra raciocinar nem problematizar aquela aula porque o sol era muito violento, e..... ao escolher aquela atividade prática daquela forma na quadra, que seria o espaço mais adequado pra gente aprender os fundamentos do Handebol, a parte tática a gente teria um prejuízo, de não estar em um espaço apropriado, o prejuízo de não estar em um espaço apropriado que seria o espaço da quadra, eu ia escolher uma outra atividade, fazer atividades com outros momentos, uma oficina no período da tarde, isso daria um prejuízo né? mas acho que seria um prejuízo menor do que, eu me submeter também, porque eu dizia pra eles, ah vocês estão reclamando que ficam de 11:30hrs até quase 13:00hrs no sol, porém eu tô aqui nesse sol desde 07:30hrs com os outros alunos, na primeira turma, na segunda turma, com a terceira turma, então a minha pele tá mais sacrificada que a de vocês, então fazendo essa retrospectiva lá com ela eu penso como as nossas condições são afetadas lá, tem coisas que a gente acaba nem se apercebendo mais né? só quando a gente para pra refletir e entender como que está nossas condições, por exemplo se alguém me perguntasse o que está faltando aqui pra te dar uma bola aula? Eu poderia dizer que estava faltando apenas as bolas de handebol, poderia dizer, só o que tá faltando era as bolas de handebol e esquecendo que tem um sol escaldante fervendo ali nossa cabeça ali naquele horário, então a gente acaba normalizando, naturalizando essas questões, então as condições são mínimas, a única coisa que eu considero de positivo no Mário Barbosa é que é uma escola muito espaçosa, nela tem muita área, que a realidade de muitas escolas de Belém é que são pequenas caixas em que as vezes o professor de Educação Física nem se quer tem um pátio para dar aula ou às vezes tem um pátio, mas a professora que fica na frente não quer que tenha aula lá porque faz barulho, então o Mário Barbosa tem uma área grande, bastante espaço, isso é um ponto positivo, apesar deles serem mal cuidados, exemplo tem as áreas laterais, mas elas são só lama, mas acho que se pensasse numa reforma ali na escola, daria pra transformar em vários espaços ali, espaços interessantes, diferentes de outras escolas pequenas, em que o terreno é pequeno, não tem muito o que fazer, é... o Mário Barbosa tem essa vantagem. (Entrevistador pergunta: e essa aula de handebol foi realizada em que área da

escola?) Essa que estou me referindo a gente fez na quadra, porque eu lembro que na nossa experiência com handebol é... a gente usou vários espaços, usamos o espaço do refeitório, espaço Kaiapó, e nas vezes que nós fomos para a quadra, eu lembro assim que era nos horários mais tarde e o sol já estava mais ameno, eu lembro que uma ou duas vezes nós fomos no horário de 13:30hrs até 15:00hrs, geralmente depois das 16:00hrs, e aí é aquela experiência que a gente teve com o espaço, então acabei fazendo com os conteúdos de esportes acabei utilizando outros espaços como o refeitório, fazíamos atividade de base, fundamentos em espaços cobertos e fazia mais aquela parte de jogar mesmo na quadra.

6 – Quais as principais alterações em sua ação docente (CH, salários, formação continuada, acesso dos alunos as aulas, recursos tecnológicos) antes da pandemia e como está agora no contexto epidemiológico?

Em relação a pandemia o Estado... eu penso o seguinte Célio, ninguém fez o dever de casa em relação ao Brasil, de acordo com a experiência brasileira ai, pipocaram ai lives de Universidades, de grupos de pesquisa, saíram textos de professores muito conhecidos no campo educacional que falam sobre o Brasil todo né não vieram aqui para o Pará ver a especificidade do Pará, contaram a realidade do Brasil, então penso que nacionalmente, o Brasil não deu conta da problemática da educação na pandemia, aí a gente através do jornal, principalmente do Jornal, não fiz nenhuma pesquisa aprofundada de como foi a pandemia nos EUA, como foi na Europa na França, os países mais desenvolvidos da Europa, mas assim eu ouvi relatos na Tv que houve uma distribuição de Tablets para os alunos, que criaram torres de acesso à internet nos bairros onde não havia acesso à internet. Criou-se uma logística para garantir a educação mesmo no período da pandemia o que a gente não absolutamente não fez, e aí o que os governadores e prefeitos fizeram? Aproveitaram que nós temos um presidente lunático que é muito ruim, então qualquer coisa que foge um pouco da loucura do presidente fica parecendo algo positivo, então os prefeitos e governadores usaram muito o populismo em relação a isso, então nesse sentido eu trabalho na rede Municipal e na rede Estadual, tanto o Zenaldo e principalmente o Helder , muito populista do jeito que ele é, encerrou as aulas, usou o discurso da saúde em primeiro lugar, tudo ok, tudo legal, mas aí deveria pensar assim, bom agora precisamos nos preparar para garantir uma educação mesmo nesse período de pandemia, o que nós não temos e é necessário ter!!!! E aí nesse sentido nada foi feito, na rede municipal que o Zenaldo tem uma relação de maior conflito com a educação, odeia mais a educação, ele não queria aparentar, tinha desprezo pela educação, ele forçou um retorno ou forçou um atendimento remoto que não garantia de forma nenhuma a educação nem a saúde dos professores, funcionários e alunos, então no Estado o Helder meio que liberou e depois foi pensando nas atividades remotas que no caso do Mário Barbosa foi adotados os cadernos, os professores enviariam os cadernos, enviariam apostilas e os alunos receberiam essas apostilas e depois devolveriam, só que nesse processo a adesão foi mínima, é um problema da sociedade inteira, você tem alunos ali que a educação já não é algo prioritário na sua vida né, ele vai olhar e vai dizer o que eu preciso garantir primeiro aqui, ele vai garantir o aluguel, o pagamento da água, da luz, até às vezes o lazer primeiro do que a educação, nesse sentido já tem um impacto da não adesão ao ensino remoto, nesse sentido do valor que a educação tem para a sociedade, e depois as condições mesmo né, imagina ai quantos alunos, pais de alunos que eram diaristas e os patrões simplesmente disseram que não queriam mais o trabalho? Quantos eram autônomos e trabalhavam na frente da escola vendendo algum produto e não tinha mais aluno ali na escola, enfim, nesse cenário de caos social claro que esses alunos teriam deixado a escola pra depois, “não não a escola não é prioridade nesse momento”. Então a adesão foi baixíssima e a própria abordagem com esses alunos através da apostila, sem a explicação ali do professor que estaria ali explicando a aula, sem tirar dúvida, sem aquela relação mais aproximada, porque verificou-se desde o início que não teria como fazer pelas vias tecnológicas porque os alunos não tinham acesso à internet ou não tinha celular disponível ou não tinham computador, então pelo menos essa sensibilidade a SEDUC teve, não igual a SEMEC que achava que os alunos teriam acesso ao computador, que teriam acesso ao celular, então a adesão foi baixíssima.

E pensando na educação física que é uma disciplina historicamente que trabalha com as práticas corporais e depende dessa relação do corpo e não apenas na relação individual

mais com os outros né, como a gente vai pensar o voleibol, futebol e basquete? Esportes coletivos atividades coletivas sem o outro, então isso se tornou complicado, totalmente prejudicado, eu penso que se nós tivéssemos todas as condições de implantar um ensino remoto diminuiria esse abismo, mas dadas as condições históricas do Brasil, não estou falando apenas do Pará ou Belém, mas dada as condições objetivas da população brasileira eu penso que o ideal era cancelar mesmo o ano letivo e aí nem falaste disso, mas é o que eu defendo e aí pensar na inclusão desse conteúdo no período de dois três anos, não só fazer dois anos em um como está se pensando, mas fazer uma diluição maior ao longo do anos e não cancelar a relação com os alunos por inteiro, mas não tornar isso como se tivesse cumprido o ano letivo que é o que o Estado vai fazer, como se os alunos tivessem cumprido o sexto ano, sétimo ano, era de ter a relação, fazer as atividades possíveis para os alunos que pudessem, mas não que isso Contasse realmente como um ano letivo o que mudou é que não tivemos mais contato com os alunos, a gente não pode ter como garantir um ensino para eles, nem garante o ensino porque na escola Pelo menos tem o ensino, tem aquela preocupação, será que o aluno está aprendendo? agora no caso da pandemia a gente nem teve como se quer, garantir o ensino, a aprendizagem então, tá lá no espaço.

Eu entrei na rede estadual em 2008, então lá em 2008 a gente ainda lutava por direito, a gente queria conquistar direitos em 2008, eu entrei numa luta até 2010, começou em 2008 esse processo até 2010 pelo PCR pelo plano de cargos e remuneração, era uma busca pelo direito a algo que a gente tinha, a algo que a gente não tinha, que estávamos tentando conquistar, mas a partir de 2013/2014 a gente passou para um período de lutar para não perder o direito a gente, nem luta mais para garantir o direito, a gente luta para continuar com que a gente tinha. Então nesse período algumas gratificações no contracheque, a gente foi perdendo redução de carga horária, os espaços na escola foram sendo sucateadas e até mesmo fechados como biblioteca, sala de informática, laboratório, os conselhos escolares foram deixados de serem estimulados, verbas que passavam por um conselho ativo deixaram de ser enviados para escola, os Grandes projetos como por exemplo, os projetos que nós sempre fizemos grandes críticas como o mais educação, segundo tempo, se você pegar os estudos sobre esse projeto você sempre vai ter uma enxurrada de trabalhos falando que a perspectiva é inadequada, que o princípio tá errado, mas ainda assim, vamos pegar o exemplo do residência pedagógica que é bem enviesado e tem vários problemas, e não tem nenhum programa, a gente prefere que o residência pedagógica porque aí a gente pode debater o que pode melhorar. Então eu entrei já em um período na mudança da perspectiva da Educação e do serviço público como um todo, realidade de sucateamento mesmo, de redução de verbas, de transferência de verbas para outros setores, pagamento cada vez maior da dívida externa, então isso claro que reflete nas condições de trabalho fazendo com que nós professores assumamos cada vez mais trabalho para a gente poder garantir aquela condição de vida que a gente tinha a 10 anos atrás, 5 anos atrás. Eu lembro demais da reportagem que eu vi na segunda-feira passada falando sobre a atualização do Imposto de Renda que tinha 125% de defasagem e não atualizava, então pensando nesse professor que está recebendo, que está ganhando hoje, que antes por exemplo ele pagava R\$ 1000 reais de imposto de renda Hoje ele ganha o mesmo salário mas como o imposto de renda não atualiza a tabela, ele tá pagando R\$ 3000 de Imposto de Renda e aí todos os custos de vida em geral aumentam então ele tem um achatamento de salário violenta o que ele busca com isso, ou ele busca um aumento da carga horária fazendo o máximo do teto de aulas possíveis, para ele poder garantir ou ele acaba buscando outros rumos, tem vários professores que tem outros trabalhos, esse não é o meu caso, mas para tentar garantir um padrão de vida que ele já teve, que ele um dia já alcançou.

Só para resumir o que é o antes da pandemia eu enxergo como um processo de sucateamento da escola pública um processo de sucateamento do serviço público como um todo, um projeto de sucateamento não é algo que se dá de forma aleatória, e aí, isso se incide na Universidade na formação do professor, que tem menos pesquisa, tem menos extensão, tem menos ensino, tem menos professores qualificados, isso vai se dar quando ele ingressar no serviço público, vai se dar com os alunos que nós recebemos, já para os alunos, o que é dito para eles? Que a educação pública não é importante, que ela não é de qualidade, então isso vai gerando um grande projeto de destruição da educação pública no qual o professor está inserido, e aí ao tentar sobreviver a esse caos instalado ele acaba intensificando sua jornada e

assumindo mais turmas, ou seja, mais alunos, mais trabalhos, mais estresse, esse cenário que é o pré pandemia.

7 – Quais os materiais disponíveis a escola possui para as aulas de educação física?

Nós temos cones, temos bambolês, tínhamos algumas bolas de basquete, um som, um data show que eu considero da escola que é possível usarmos nas aulas de educação física, de material esportivo é isso, cone chinês, bambolê e corda, temos também rede de vôlei mas não tem nem a bola nem os potes.

8 – No cenário de pandemia você teve algum tipo de transtorno mental? Se sim, teve alguma assistência da SEDUC?

No período mais crítico da pandemia eu tive COVID, no final de abril quase Maio, e aí fiquei um pouco mal, fiquei muitos dias com febre, aqueles sintomas mais característicos da covid, perda de olfato, não fui internado, cheguei a ir para Policlínica da UEPA procurar atendimento, porque estava muito insistente a febre, estava começando a me sentir mais cansado, então no período que antecedeu o meu contágio eu estava aqui em casa muito tensionada com as situações cada vez piores, eu tinha a preocupação com os meus familiares, com a minha mãe, com a minha tia, são pessoas de mais idade, então isso fez com que eu tivesse muita insônia, eu ia dormir cada dia mais tarde, eu lembrei de dois dias que eu amanheci acordado mesmo, pensando em todos os problemas que ocorreram e foi isso, mas era mais uma insônia, e aí depois, eu soube que minha mãe teve e ela não tinha me contado, eu também não contei a ela, depois desse período a minha esposa também teve, eu acho até que peguei dela porque ela é da área da saúde da SESMA, ela teve que ir para rua nesse período depois que passou essa fase eu fiquei mais tranquilo, foi a fase mais crítica, até perto de Junho eu fiquei bem mentalmente preocupado até comigo mesmo, assim com a minha psique, e... como estava lidando com aquilo, de que forma o estava encarando aquilo depois eu fiquei mais relaxado, mais tranquilo, não procurei a SEDUC, eles não me perguntaram, eu também não os procurei.

O que eu sinto com relação à assistência? é que eles não ligam muito para nada de como os professores estão se sentindo de como os alunos estão se sentindo, mas aí é até engraçado, eu acho interessante, isso é muito importante de como estaria se sentindo os professores os alunos e aí o Estado não dá nenhum tipo de assistência, mas aí eu fico pensando no trabalhador da construção civil que tá matando um leão por dia que na verdade ele quer ir trabalhar porque não tem outra forma de sustentar sua família, por exemplo eu fiquei em casa todo esse período e apesar de não ter preocupação da SEDUC, mas garantiu que eu ficasse em casa, então trabalhador da construção civil não tem isso eu digo que os pobres não têm nem sequer a chance de se reprimir, de se sentir ansioso, porque a vida tá cobrando a garantia da Sobrevivência diariamente, então eu até mesmo sinto vergonha apesar de não acontecer isso de dizer mais cedo, que não tá preocupada comigo o Estado não tá preocupado comigo, até porque ele não tá preocupado com ninguém, se for pegar a média da população eu sou até privilegiado com relação a maioria da população brasileira que uma parte foi obrigado a ficar em casa sem renda e outra parte teve que trabalhar sem a garantia da sua saúde, então nem tive que me arriscar e nem fiquei em casa sem renda então pensando na média da população eu sou até privilegiado em relação às outras pessoas eu costumo até mesmo não reclamar nesse sentido, mas isso não quer dizer que isso não é um problema meu, no sentido que eu estou fazendo errado, o problema é o Estado que faz com a maioria da população, mas mesmo sabendo que o Estado faz isso com a maioria da população eu fico meio que com vergonha. Nessas questões eu nem procuro me colocar como o mais vitimado porque existem pessoas com condições piores do que eu, não tive nem o corte de salário foi totalmente integral.

9 – Considerando as suas experiências, o que falta para atingir o cenário de uma escola ideal?

Falta uma revolução, o Brasil precisa de muito, não é pouco não, é muita coisa para garantir o que eu considero razoável, não é nem o mínimo porque o mínimo a gente já faz, porque se a gente disser que a gente faz abaixo do mínimo estamos depreciando nosso

trabalho, mas acho que razoável como a qualidade que fosse efetiva, faltar muita coisa, se for começar lá de cima da pós-graduação, tem muitos trabalhos a ser feitos, se começar lá de baixo tem muitos trabalhos a ser feitos também, mas basicamente falando de coisas Macro, precisa de investimento pesado na estrutura, deveria ter um padrão de escolas de tamanho, de tamanho de sala, equipamentos necessários para garantir as aulas na escola como, quadro, além da sala de aula, climatização das salas, estrutura de uma forma geral, investimento na carreira para que garantisse que a docência fosse algo atrativo, que atraísse as melhores mentes, que houvesse uma conexão com essa formação, inicial com a continuada, com plano de carreiras que garantisse o trabalho cada vez com menos turmas, e é interessante porque para Educação Básica, que não é uma realidade no Mário Barbosa, tu vistes, que eu tinha várias turmas, mas não precisa nem olhar para longe, na Universidade o professor tem menos turmas, no IFPA o professor tem menos turmas, o professor da escola de aplicação da UFPA tem menos turmas, então isso já é uma questão interessante porque não precisa ir para outro mundo se você pegar o Brasil, o Brasil tem várias ilhas de boas práticas, escolas com boas estruturas estrutura, que em algum momento de sua carreira o professor tem uma jornada interessante com poucas turmas, que ele tem tempo para pesquisar, para estudar, que ele tem vaga na Universidade para fazer pós-graduação, então basta pegar essas ilhas, que são bem pequenas que às vezes são muito usadas como propaganda e transformar isso de forma massiva, mas claro que isso envolve o aporte financeiro grande que nós temos também, basta nós resolvemos nossos problemas com os grandes capitalistas, que ficam com a parte mais grossa do orçamento da União, e isso envolve guerras, colapso, construir uma nova cabanagem daria resultado nosso problema.

No final a gente acaba brincando, mas eu vejo um monte de colegas e vejo muita gente na Universidade defendendo saídas à margem das nossas necessidades, apontam uma realidade dentro de uma perspectiva micro, entende que a realidade maior necessita ser mudada, mas não propõe muito, não se importam, ou quando as questões ficam mais avançadas deixam de ser a vanguarda e passa ser a retaguarda, com o discurso, “Não, não é bem assim. não é isso, isso é extremismo”, então a realidade que eu considero de fato sem nenhum tipo de brincadeira, é essa a gente precisa, e a educação precisa fazer parte, parti para um processo de enfrentamento mesmo com as instituições que tiram de nós a capacidade de ensinar e de aprender então, a educação nesse sentido é uma educação necessária para pensar a derrubada do sistema mesmo essa é a grande discussão da Educação enquanto nós não garantimos, isso é dignidade para classe trabalhadora.

Assinatura do entrevistado:

Jean Carlos Costa Machado